



PUC
RIO

PEDRO PAULO DA SILVA MENDES

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DO PAI NO
PENSAMENTO DE FREUD

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

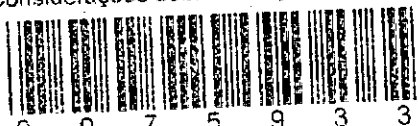
Rio de Janeiro, Março de 1993

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N. Chamada: 150 / M538c / TESE UC

Título: Considerações sobre a função do pai no p



0 0 7 5 9 3 3

Ex: 1-CENTRAL

2152

PEDRO PAULO DA SILVA MENDES

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DO PAI

NO PENSAMENTO DE FREUD

Dissertação apresentada ao
Departamento de Psicologia da PUC/RJ
como parte dos requisitos necessários
para a obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Orientador: Prof. Circe Vital Brazil

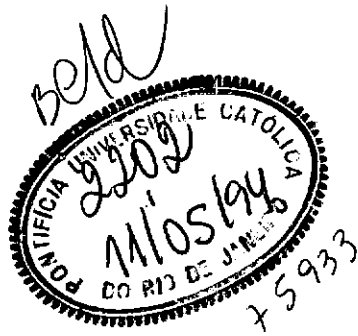
Co-orientador: Prof. Octávio Souza

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, fevereiro de 1993

VC 51405-1



150
MS38C
RESERVE

Para José - meu pai.

Para João que, com seu nascimento,
redespertou em mim questões paternas.

Para todos aqueles que, de uma forma
ou outra, se perguntam pelo pai.

AGRADECIMENTOS

- Aos professores e funcionários do Departamento de Psicologia da PUC/RJ, especialmente Marize e Verinha, que acompanharam de perto a realização desse trabalho.
- A Octávio Souza, pela orientação recebida.
- A Anamaria Coutinho, que me acolheu num primeiro momento.
- A CAPES e à Vice-Reitoria acadêmica da PUC/RJ, que financiaram parcialmente a realização desse trabalho.
- A Daniel Kupermann, Isabel Fortes, Márcia Merchior, Marisa Maia e Thaís Ribeiro, pelos encontros e "Confrontos em Psicanálise", e pelo que foi construído neste tempo em que, juntos, vivemos este percurso.
- A família, que sempre perguntava pelo andamento da tese.
- A Marcus Sodré, pela tradução para o inglês do "resumo".
- A Marisa, Thaís e Andréa, pela disponibilidade em debater comigo algumas questões da tese.
- A Daniel, que colocou à minha disposição o computador.
- A Eduardo Vidal, cuja presença marcante acompanhou meu percurso de encontro ao Mestre.
- A Sheila, que ajudou na datilografia e "arte-final" da dissertação.
- A Cláudio, que fez a revisão geral do texto.

RESUMO

Propomos discutir nesta tese algumas questões referentes à função paterna no pensamento de Freud.

Dentre elas, destacamos a hipótese freudiana sobre a origem do Édipo na Humanidade, o amor pelo pai e o surgimento da culpa. Da mesma maneira, discutiremos sobre a origem dos conflitos neuróticos, a transmissão de traços mnêmicos relacionados à castração e sobre o que podemos esperar de um pai.

Os textos que utilizaremos para refletir essas questões são principalmente aqueles que em que Freud expõe seu pensamento sobre o desenvolvimento dos Complexos de Édipo e castração, nos quais, na psicanálise, efetivamente se reconhece a função do pai.

ABSTRACT

We would like to propose with this thesis a discussion about some points related to the paternal function in Freud's thinking.

Among them, we would like to highlight the Freudian hypothesis about the origins of Oedipus in mankind, the love for the father and the emergence of guilt. Furthermore we will discuss the sources of neurotics conflicts, the transmission of "mnemonic traits" related to castration, and what we can expect from a father.

The texts we have selected to think those questions through are mainly those in which Freud presents his thoughts about the development of the Oedipus and Castration Complexes, which is where in psychoanalysis we actually recognize the paternal function.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I - CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAI DA HORDA PRIMITIVA	8
CAPITULO II - ALGUMAS QUESTÕES SOBRE O AMOR PELO PAI E A ORIGEM DA CULPA	21
CAPITULO III - A HERANÇA PATERNA	40
CAPITULO IV - SOBRE A TRANSMISSÃO DAS LEMBRANÇAS MNEMICAS	55
CAPITULO V - O QUE SE PODE ESPERAR DE UM PAI	69
CONCLUSÃO	80
BIBLIOGRAFIA	86

Tens, além do mais, um modo de rir extraordinariamente belo e pouco comum, calmo, pacífico e bondoso, que pode fazer inteiramente feliz a quem recebe. Não me é possível recordar que durante a infância teu riso me tenha sido dedicado expressamente, mas pode bem ter acontecido, já que não se pode admitir que me tenhas negado, ao parecer-te ainda inocente e ser tua grande esperança. Por outro lado, estas impressões cordiais não alcançaram, em grande escala, mais efeito que o de aumentar o meu sentimento de culpa e fazer-me o mundo ainda mais incompreensível.

Franz Kafka, Carta a meu Pai

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a função paterna na psicanálise. O interesse em fazê-lo partiu essencialmente de uma inquietação referente a saber o que é um pai.

O fator original que motivou a realização deste trabalho foi a percepção de que durante certo tempo houve uma ênfase da teoria psicanalítica em desenvolver estudos envolvendo a relação entre mãe e filho, apoiados principalmente nos textos de Melanie Klein. No referencial kleiniano, as hipóteses sobre o que poderia causar uma enfermidade psíquica ou um desenvolvimento "sadio" da personalidade do sujeito apóiam-se, sobretudo, em situações onde a relação estabelecida entre mãe e filho é o locus privilegiado do pensamento dessa autora. A medida em que aprofundávamos o conhecimento das teorias de Melanie Klein, a inquietação em pensar a função paterna na psicanálise crescia cada vez mais.

Procuramos então estabelecer contato com a teoria de Jacques Lacan, pois sabíamos que este autor havia desenvolvido em sua obra questões referentes à função do pai. De fato, as teses lacanianas sobre o que é um pai apresentam questões que possibilitam pensar a função paterna sob diversos ângulos, tal é a riqueza de suas proposições.

Entretanto, Lacan desenvolve seu pensamento tendo

como referência principal textos de Freud e, por esse motivo, optamos por, ao invés de nos aprofundarmos na teoria de Lacan, discutir a função paterna a partir de questões colocadas por Freud.

Um outro fator que também motivou a realização deste trabalho foi a constatação de que a teoria psicanalítica não considera o que o imaginário social comumente atribui à função do pai. Supomos que o senso comum confere à função paterna atributos relacionados a uma participação mais efetiva do pai biológico ou do pai de fato no cotidiano de seus filhos, estando estes aspectos mais próximos do registro psicológico do que é um pai.

Por nos sentirmos incluídos nesse imaginário social, também pensávamos, de início, que a função do pai pudesse ser definida conforme a opinião do senso comum. Quando começamos a nos familiarizar com a leitura psicanalítica, percebemos que a perspectiva que Freud coloca para pensar a função do pai se distancia sobremaneira do que até então acreditávamos ser um pai. Foi aí que surgiu a questão: se para a psicanálise ser pai não é o que comumente pensamos, como ela concebe a existência de um pai?

O eixo principal em que Freud se apóia para pensar a função paterna converge para seus estudos sobre o desenvolvimento dos complexos de Édipo e castração. A existência do pai, com o estatuto que a psicanálise lhe

confere, só é reconhecida quando o pai torna-se representante de uma lei. Saber o que esta lei significa, como ela funciona e qual é a importância de haver para o sujeito um pai conforme Freud sugere constituem as questões básicas que trabalharemos nesta tese.

Porém, essas questões se desdobram em inúmeras outras a ponto de tornar impossível abordá-las em sua totalidade. Em realidade, o complexo de Édipo é o ponto central da teoria psicanalítica, o que dá margem para refletir sobre inúmeras questões. Entretanto, nem todas despertaram em nós o desejo de investigá-las. Desse modo, adotamos um critério de escolha das questões que iremos discutir em função do percurso pelo qual elaboramos este trabalho. Neste percurso não seguimos um planejamento rígido em que já houvesse questões pré-estabelecidas para serem debatidas, ou seja, não definimos primeiro as questões que iríamos comentar para depois irmos às leituras. Ao contrário, a maioria das questões que trabalharemos surgiu a partir das leituras que fizemos e o critério adotado para escolhê-las obedeceu primordialmente a um interesse pessoal nosso em investigar questões que, por um motivo ou outro, causavam-nos prazer e estímulo ao pesquisá-las.

Evidentemente tais questões foram levadas ao conhecimento de profissionais que colaboraram na realização da tese e avaliadas sob o ponto de vista da possibilidade de virmos a discuti-las. O que tínhamos em mente quando propusemos

a reflexão sobre essas questões era esclarecer nossa pergunta inicial referente a saber o que é um pai. Porém, neste percurso, algumas vezes sentimos como se estivéssemos distantes desse objetivo devido aos desdobramentos que as questões que escolhemos proporcionam. Da mesma maneira, percebemos também que, quando escrevemos uma tese, o percurso se delinea a cada instante e, na maioria das vezes, não sabemos muito bem o que encontraremos a partir de nossas associações.

Decidimos então que no primeiro capítulo iríamos concentrar nossa atenção em questões referentes à hipótese freudiana da origem do Édipo na humanidade e às transformações ocorridas no psiquismo a partir do "Édipo inaugural". Adotamos "Totem e Tabu" (1913) como texto básico para refletir sobre esse tema, que tem no assassinato do pai da horda primitiva e nas conseqüências que decorreram desse episódio os acontecimentos mais importantes. Dentre essas conseqüências temos o aparecimento da lei de interdição do incesto, a origem da culpa e o retorno do amor pelo pai.

A redescoberta do amor pelo pai e a origem da culpa adquirem importância significativa no processo de desenvolvimento do complexo de Édipo e, assim, nos propomos discutir, no segundo capítulo deste trabalho, como o amor pelo pai e a culpa participam desse processo. Os textos que utilizaremos para refletir sobre essas questões serão "Uma Criança é Espancada" (1919) e "Mal-Estar na Civilização" (1929). O interesse em discutir a origem da culpa e o

redescoberta do amor pelo pai reside no fato de que Freud afirma que é na relação estabelecida entre culpa e recalque que se originam os conflitos neuróticos, tendo no centro desses conflitos a questão do amor pelo pai.

Nesta tese desenvolvemos também questões que se referem à origem das enfermidades psíquicas e sua relação com a função do pai. Embora Freud seja o principal interlocutor em nossos estudos, recorreremos também a outros autores com o intuito de esclarecer melhor nossas questões. Encontramos no artigo de Lacan "O Mito Individual do Neurótico" (1980), afirmações interessantes sob o ponto de vista de pensar a origem dos conflitos neuróticos. Em seu artigo, Lacan apóia-se no texto sobre o caso clínico de Freud "O Homem-dos-Ratos" (1909), em que a questão paterna aparece no centro dos conflitos desse paciente. O que é o mito individual do neurótico, qual a sua relação com a doença psíquica e se podemos considerar uma "herança" as representações decorrentes desse mito é o que discutiremos no terceiro capítulo deste trabalho.

É principalmente em "Moisés e o Monoteísmo" (1939) que Freud sugere a possibilidade de pensar a transmissão do traço mnêmico a partir do inatismo. De acordo com ele, o traço mnêmico referente à castração teria sido incorporado à filogênese da espécie humana e seria transmitido através dos gens nas gerações sucessivas. No quarto capítulo discutiremos basicamente a questão de saber até que ponto uma lembrança

mnêmica pertence ao registro filogenético da espécie humana.

Finalmente, no quinto capítulo, comentaremos algumas afirmações de Freud que aparecem isoladas em alguns de seus artigos e que nos fizeram imaginar o que Freud tinha em mente quando pensava a paternidade. Dentre essas afirmações, destacamos uma passagem em "Moisés e o Monoteísmo" (1939), onde ele nos diz que a paternidade é mais importante que a maternidade. Refletiremos sobre essa afirmação nesse capítulo e, da mesma forma, discutiremos também sobre "o que se pode esperar de um pai", questão crucial que se coloca diante dos homens.

Com este percurso pensamos esclarecer um pouco mais o que significa ser pai. Talvez a psicanálise nos forneça uma definição de pai mais convincente que a do senso comum, pois, como veremos, a existência de um pai, no sentido psicanalítico do termo, é imprescindível na constituição do sujeito. Estamos cientes de que a inquietação que sentimos em relação à questão de saber o que é um pai permanecerá mesmo após termos "concluído" este trabalho. Neste sentido, imaginamos que outras questões poderiam ajudar a esclarecer o que pensávamos quando nos propusemos a estudar a função do pai na psicanálise. Como nossa curiosidade inicial partiu de uma percepção do senso comum, também pensamos a seguinte questão: Até que ponto podemos dispensar as atribuições do imaginário social referentes a saber o que é um pai? Não será neste trabalho que discutiremos esta questão de maneira exaustiva, pois pensamos

que para refleti-la talvez tivéssemos que nos afastar do referencial psicanalítico, o que nos distanciaria de nossa proposta principal de pensar a função do pai na psicanálise. Nosso interesse em levantar esta questão reside na suposição de que ela poderá nos fazer pensar um pouco mais sobre o que podemos considerar função do pai.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAI DA HORDA PRIMITIVA

Em "Totem e Tabu" (1913) Freud nos apresenta o *Urvater* - pai original da horda primitiva, um pai pré-histórico, no sentido que a psicanálise lhe confere, de representante da lei e autoridade.

De acordo com a hipótese psicanalítica, foi a partir de seu assassinato pelos filhos que a humanidade teve acesso às leis que regem a civilização e às que regem o funcionamento do aparelho psíquico, a partir das articulações em torno da função paterna - ponto central do mecanismo do complexo de Édipo.

Sabemos que a construção de "Totem e Tabu" (1913) é um mito somente, e por isso devemos resguardar os limites de sua credibilidade. Mesmo assim, vamos considerar essa hipótese em seu sentido literal e faremos como se acreditássemos que as coisas realmente aconteceram da forma como Freud nos relatou.

Ele nos diz que "um acontecimento desse tipo deve inevitavelmente ter deixado traços inerradicáveis na história da humanidade" (1913, p.184). Ao assassinato do pai da horda primitiva poderíamos atribuir o "Édipo Inaugural", a primeira experiência edípica vivida pelo homem que, de geração em geração, seria transmitida aos filhos. Pela importância atribuída a esse acontecimento, iremos de imediato concentrar nossa atenção nos fatores que antecederam o assassinato do

Urvater e, da mesma forma, refletiremos sobre as características predominantes desse pai que, afinal, foi o primeiro.

Tais fatores estão vinculados à hipótese evolucionista de Charles Darwin sobre o "estado social" dos homens primitivos. A partir dessa hipótese, Freud descreve o ambiente onde as relações entre os membros da horda se davam, relatando

que a visão mais provável é que o homem primevo vivia originalmente em pequenas comunidades, cada um com quantas esposas podia sustentar e obter, as quais zelosamente guardava contra todos os outros homens. Ou pode ter vivido sozinho com diversas esposas, como o gorila, pois todos os antigos [referindo-se a antropólogos] concordam que apenas um macho adulto é visto num grupo; quando um macho novo cresce, há uma disputa pelo domínio, e o mais forte, matando ou expulsando os outros, estabelece-se como chefe da comunidade (Darwin apud Freud, 1913, p.153).

Dois fatos nos chamam atenção nesse momento: O primeiro refere-se à terminologia "estado social" de Darwin, utilizada por Freud, para designar o modo de vida dos homens primitivos. Notamos que ele não faz uso do termo "sociedade" dos homens primevos, pois como veremos mais tarde o que Freud considera como verdadeiramente social só adquire significação após o assassinato do pai original. O termo "estado social" parece estar mais próximo de um modo de ser e existir num agrupamento de seres, "mais ou menos organizado" (1913, p.152) e sem instituições definidas da forma como conhecemos atualmente. Naqueles tempos remotos, a disputa entre os machos

pelo domínio de um território parece vir atender, sob a ótica da teoria evolucionista, às exigências básicas das regras de seleção natural. Neste contexto, o pai só pode ser pensado no sentido que a biologia nos fornece, com objetivo de reprodução e manutenção da espécie. O estatuto do pai conforme encontramos em nossa sociedade sofreu uma transformação radical a partir do assassinato do pai original, e nos resta saber como do pai biológico evoluiu-se para o pai edípico, pois, em resumo, a hipótese principal de "Totem e Tabu" (1913) repousa nessa questão e nas questões sobre o próprio advento da cultura.

O segundo fato que merece atenção refere-se à existência de um só macho adulto na horda e à exclusividade para si da posse das fêmeas. Este homem expulsava todos os outros da horda, inclusive seus filhos, quando estes atingiam a puberdade e quando seus *instintos* começavam a exigir satisfação. Eles desejavam as fêmeas que conheciam, que eram as mulheres do pai, dentre as quais poderia estar sua mãe. Neste estado, parece ser o filho que surge como figura ameaçadora à tirânica soberania paterna e, antes que essa ameaça pudesse concretizar-se, o pai os expulsava, garantindo seu poder na "comunidade" e o controle sobre as fêmeas.

O pai da horda, ao proceder da maneira como descrevemos acima, tinha como objetivo principal afirmar sua autoridade e liderança e, desse modo, não nos surpreende que os sentimentos de caráter hostil predominassem nas relações entre pai e filho. Uma vez expulsos, os adolescentes "eram forçados a

vaguear por outros lugares e, quando por fim encontravam uma companheira," (1) (1913, p.153) eles poderiam formar a sua própria horda, assumindo todas as características da soberania paterna e conferindo a seus filhos o mesmo tratamento que a eles fora dispensado.

Embora o significado de pai, conforme a psicanálise lhe confere, tenha adquirido consistência somente a posteriori com a instalação da lei de interdição do incesto, imaginamos ter havido um processo em que a idéia de se reunirem a fim de assassinar o pai original foi gradativamente evoluindo até chegar a um ponto limite, onde a única saída encontrada pelos filhos para que pudessem se relacionar sexualmente com as fêmeas foi a execução do macho soberano.

Entretanto, não é especificamente pelo assassinato do pai que Freud parece se interessar quando propõe a origem do Édipo. De fato, o assassinato é indispensável para entendermos essa origem, mas a novidade reside fundamentalmente no aparecimento da lei de interdição do incesto. Provavelmente, o assassinato do pai era freqüente, mas nem sempre tinha como consequência a lei de interdição do incesto. Inclusive, Freud nos conta que "a história do parricídio é contada de forma enormemente condensada, como se tivesse acontecido de uma só vez, ao passo que ela abrange milhares de anos e se repetiu

1. De acordo com Freud, as mulheres também poderiam ser roubadas ou raptadas de outras hordas (Freud, 1939, pp.100-101).

incontáveis vezes durante esse período" (1939, p.100).

Freud afirma que "um simples impulso hostil" (1913, p.189) teria sido suficiente para explicar o que levou os filhos a decidirem pelo assassinato. Não duvidamos que tenha sido através desse impulso que o parricídio aconteceu. Mas queremos chamar atenção para o fato de que esses impulsos sempre estiveram presentes entre os filhos da horda e no entanto foi só num determinado dia do curso da evolução e não num outro dia qualquer que os filhos, ao se reunirem para assassinar o pai primevo, viram surgir, em decorrência do assassinato, a lei de interdição do incesto. Supomos que, associados ao impulso hostil, outros fatores contribuíram para a passagem do pai biológico para o pai edípico, sendo que este último se caracteriza principalmente pelo fato de ser o representante dessa lei.

Estamos sugerindo que, simultaneamente à evolução biológica do homem, houve também uma evolução psíquica e que esta refere-se principalmente a uma transformação ocorrida na ordem afetiva predominante no psiquismo humano.

Na citação a seguir, onde Freud descreve o parricídio, encontraremos uma sugestão de quais poderiam ser esses fatores que, associados ao impulso hostil, teriam contribuído para que os filhos se decidissem pelo assassinato do *Urvater* e possibilitado a transformação mencionada no parágrafo anterior. Conta-nos Freud que

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior.) Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião (1913, p.170).

Afirmamos que "algum avanço cultural", "o domínio de uma nova arma proporcionando um senso de força superior", é o fator sugerido por Freud que, juntamente com os impulsos hostis, contribuiu na passagem do pai biológico para o pai edípico. Entendemos que uma nova arma representa um avanço cultural, mas Freud parece querer ir mais longe com essa idéia quando nos propõe que esses fatores seriam os determinantes do surgimento da própria cultura. Além de uma evolução no plano físico e biológico, um avanço cultural pressupõe também um avanço intelectual, onde se privilegia a atividade do pensamento e que suas conclusões, neste caso, aparecem refletidas em conquistas de novas armas, etc. Em outras palavras, o homem primitivo teve também que pensar para descobrir e dominar outros instrumentos e assim pôde se sentir mais forte. O que diz Freud, em última instância, é que um avanço cultural naquele momento referia-se à percepção dos

homens primitivos de que unidos se tornariam mais fortes que sozinhos. A simultaneidade de evolução de todos esses fatores foi que culminou no assassinato do pai da horda e na transformação da ordem afetiva dominante no psiquismo humano. Antes porém de nos dedicarmos mais especificamente à questão da evolução psíquica, faremos um comentário sobre a hipótese freudiana do parricídio.

Se o assassinato do pai foi o início de tantas coisas, perguntamos como foi possível, ao retornarem do exílio, os filhos cometerem o parricídio? Porque é evidente que era necessário, para que ele ocorresse, uma organização prévia, por mínima que fosse, para posteriormente, em bando, virem matar o pai. Como seria possível pensar essa organização anterior ao ato, se na hipótese freudiana é ele que funda a organização social?

Uma hipótese que pode nos levar à compreensão do comentário que fizemos seria admitir a existência da organização prévia que mencionamos há pouco, quando, num momento bem próximo ao assassinato do *Urvater*, o homem estaria num estágio da evolução em que já se poderia perceber esboços de uma organização social. O que o texto de Freud parece sugerir é que o ato, neste contexto, apenas consolidaria esses esboços, delineando os contornos da organização em formação, dando origem às instituições sociais como as conhecemos atualmente.

Trataremos agora das transformações decorrentes do assassinato do pai da horda primitiva. A principal delas refere-se à internalização da lei de interdição do incesto e ao surgimento do super-ego. Porém, Freud aponta outras conseqüências que estariam em consonância com estas que já mencionamos e, da mesma forma, iremos discuti-las a seguir.

Alain Delrieu, em seu artigo "Freud e a questão do laço social" (1989), sugere que o assassinato do pai é, "antes de ser um acontecimento social, um acontecimento psíquico" (1989, p.137). É a esse fato que vamos atribuir um avanço da intelectualidade e a evolução do psiquismo.

Delrieu afirma que uma "sociedade não existe a não ser a partir do momento em que haja um ato fundador, quer dizer, uma aliança baseada num direito" (1989, p.134). Atualmente, o modo de vida social estaria apoiado no que este autor considera "estado de direito", com presença de leis constitucionais, válidas para todos os membros de uma comunidade. Em oposição ao estado de direito, este autor propõe o "estado de violência", em que a lei existente é arbitrária, privilegiando aquele considerado mais forte.

O estado social dos homens primitivos seguia o modelo do "estado de violência" em que o mais forte era o pai. Freud nos conta que, neste estado de violência, o modo de vida afetivo conhecido pelos homens primitivos era predominantemente hostil e baseava-se numa preferência por viver sob o domínio do

que designou "realidade concreta", cuja característica principal apoiava-se "na valorização extrema de ações impulsivas, como resposta imediata a um impulso mental" (1913, p.189). A transformação da ordem afetiva que vimos mencionando neste trabalho refere-se à passagem do predomínio da realidade concreta para a da "realidade psíquica" onde "as ações não seriam mais predominantes, mas sim os impulsos e emoções pretendendo fins malignos, mas impedidos de realizar-se" (1913, p.188).

A idéia que Freud nos apresenta é que no princípio a realidade concreta e a psíquica eram coincidentes e que esta última teria, em decorrência do processo evolutivo, se tornado o modelo preferencial de ordem afetiva no psiquismo dos neuróticos. Freud diz que mesmo eles (aqui referindo-se aos obsessivos), "tiveram um dia na infância esses impulsos malignos de modo puro e simples e transformaram-nos em atos até onde a impotência da infância permitia" (1913, p.190).

Neste ponto faremos uma distinção referente à palavra ato, pois a estamos utilizando em dois sentidos. O primeiro refere-se às atitudes hostis que Freud menciona serem predominantes entre os homens primitivos, relativas a atos isolados presentes no cotidiano dos mesmos e que definem o modo de relacionamento dos membros da horda. Estas não seriam capazes de propiciar as transformações que estamos sugerindo em nosso estudo, ao contrário do "ato fundador" (2), que originou o que a psicanálise hoje denomina sujeito. Entretanto, quando

Freud nos diz que "o simples impulso hostil contra o pai, a mera existência de uma fantasia plena de desejo de matá-lo e devorá-lo, teriam sido suficientes para produzir a reação moral que criou o totemismo e o tabu" (1913, p.189), pensamos que foi um desses atos isolados presentes no cotidiano dos homens primitivos que os levou a executar o pai original. Mas só entendemos que tal ato isolado pôde gerar o assassinato do pai primevo se podemos pensá-lo associado aos fatores do processo evolutivo que aqui já mencionamos.

É interessante observar que, pela hipótese de "Totem e Tabu" (1913), primeiro há o assassinato do pai para depois se instalar a lei de proibição de incesto, processo inverso ao que acontece no complexo de Édipo, em que é só depois de percebida a presença de um agente castrador já imbuído de uma lei que surge o desejo de "assassinar" o pai.

Catherine Millot, em seu livro "Nobodaddy - a histeria no século" (1988), aponta essa questão dizendo que "a morte do pai no registro da fantasia edípica e no mito do pai original tem significações diametralmente opostas" (1988, p.45). Ela afirma:

O mito do pai edípico coloca que o assassinato do pai é condição do gozo da mãe. Responde à fantasia do neurótico segundo a qual o pai - representante da lei - é o único

2. Consideramos ato fundador o assassinato do pai da horda primitiva com a conseqüente internalização da lei de interdição do incesto.

obstáculo a suprimir para aceder à satisfação suprema... no assassinato do pai da horda primeva... o gozo, aí, vem antes encarnado pelo pai, que possui todas as mulheres, das quais ele é o único a gozar, e é de seu assassinato que se origina a lei que proíbe a satisfação suprema, regulamentando as alianças. A lei, expressão do remorso dos filhos assassinos, longe de ser a causa, é a consequência desta perda do gozo absoluto, simbolizada pelo assassinato daquele que o encarnava. (1988, p.44)

Das palavras de Millot concluimos que ao que se renuncia é, na realidade, à "satisfação suprema" à qual o pai primevo tinha direito. Esse acontecimento inaugura o registro da fantasia edipiana, que reside fundamentalmente "numa encenação imaginária em que o sujeito está presente e em que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente" (Laplanche & Pontalis, 1983, p.228). É com o advento da fantasia, mais precisamente pelo fato dela "resultar da introjeção da autoridade paterna" (1988, p.44), que podemos pensar no surgimento de uma nova instância no aparelho psíquico, conforme nos propôs Alain Delrieu nos seguintes termos:

... seu assassinato provocou um sentimento de culpa tão intenso que a lei arbitrária se impôs sob a forma de uma interiorização da interdição (proibição do incesto) e remodelou toda essa parte do psiquismo que é o sistema egóico, até o ponto que se separou dele uma parte, o super-ego. Segundo Freud, foi tão radical esta autonomização no interior do ego, que em sua segunda tópica o induzirá a propor o super-ego como instância (1989, p.137).

Notamos que o sentimento de culpa tem participação

direta no estabelecimento do super-ego. Posteriormente, iremos nos aprofundar sobre a origem da culpa e sua relação com esta nova instância do aparelho psíquico e também comentaremos como surge a fantasia edipiana. Por ora queremos ressaltar que, com a lei da interdição do incesto, estabeleceu-se um "contrato social" entre os filhos que haviam matado o pai. Este contrato consiste primordialmente em, ao invés de começar uma nova guerra de "todos contra todos", instituir a lei do incesto em que "renunciavam às mulheres que desejavam e que tinham sido o motivo principal para se livrarem do pai" (1913, p.172).

Porém, o lugar do pai não permaneceu vago. Criou-se um substituto para ele, o totem, que nada mais era do que um símbolo do pai morto, a quem os filhos deviam respeito e obediência. Permanecendo assim, recalcado, ele assegurava a manutenção da lei do incesto e a fraternidade na horda, impedindo que os filhos iniciassem uma nova guerra.

O acontecimento psíquico que Delrieu mencionou refere-se às conseqüências decorrentes do assassinato do pai, como o surgimento do super-ego e a internalização da lei de interdição do incesto que, como veremos, acontece de maneira semelhante nas crianças durante o período de desenvolvimento do complexo de Édipo.

É em relação à lei de proibição de incesto que Freud aproxima o super-ego e a função do pai. Segundo ele, "o super-ego originou-se em realidade das experiências que levaram

ao totemismo" (1923, p.53). Decorrente dessas experiências, primordialmente temos o surgimento do sentimento filial de culpa e a relação que ele estabelece com o recalque, pois é neste ponto que Freud identifica a origem de todos os conflitos neuróticos. No centro desses conflitos, encontramos a questão do amor pelo pai, que aprofundaremos em seguida.

2. ALGUMAS QUESTÕES SOBRE O AMOR PELO PAI E A ORIGEM DA CULPA

De acordo com Freud, foi com a redescoberta do amor pelo pai, sugerida por ele em "Totem e Tabu" (1913), que se originou o sentimento de culpa. Dissemos redescoberta porque, segundo Freud, havia entre os homens primitivos um amor recalçado. Ele nos diz:

Eles odiavam o pai que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalçada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso (1914, p.171).

A partir da afirmação freudiana de haver amor recalçado pelo pai da horda primitiva, refletiremos sobre a seguinte questão: que quis dizer Freud ao empregar o termo recalque (3) neste momento? O que a hipótese de "Totem e Tabu" (1913) parece sugerir é que o que se recalca de fato é o assassinato do pai. Assim, como poderíamos pensar a possibilidade de haver amor *recalçado* antes desse fato?

Poderíamos, de forma mais simples, resolver estas questões apresentando outra hipótese, contrária à de Freud, de

3. Estamos considerando *recalque* a "operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão" (Laplanche & Pontalis, 1983, p.553).

que anteriormente ao parricídio não havia amor recalcado pelo pai e que o afeto amoroso não teria sido, ainda, sequer descoberto. Com esse pensamento, o amor e o recalque só poderiam surgir posteriormente ao assassinato do *Urvater*, e assim entenderíamos o pensamento de Freud de que teria sido em decorrência deste episódio que se originou o sentimento de culpa e a descoberta do amor pelo pai.

Seria tentador aceitar com tanta facilidade a idéia que se apresenta. Porém, tratando-se de refutar uma afirmação de Freud, pensamos discuti-la com mais rigor, a partir do seguinte princípio: Se ele admite amor pelo pai anterior ao parricídio, não podemos atribuir a esse fato a origem do amor, pois ele já existia. Supomos, então, que o que aconteceu nesta ocasião foi um retorno do amor pelo pai. Deste modo, resta-nos a questão de saber como foi possível haver este retorno.

Freqüentemente em sua obra Freud retoma esse tema, o que parece indicar seu interesse por essa questão. No intuito de investigá-la, vamos concentrar nossa atenção em três momentos onde Freud se posiciona diferentemente em relação à mesma: Primeiramente em 1913 - "Totem e Tabu" - ao mencionar, como já vimos, que a morte do pai promove esse retorno a partir do remorso sentido pelos filhos. Entretanto, neste momento, ele não explica como isto teria acontecido. Mesmo assim, as considerações que faz sobre os efeitos decorrentes dessa morte são pertinentes ao nosso estudo. Num segundo momento, em "Uma Criança é Espancada" (1919), Freud deixa uma dúvida sobre a

origem da culpa, mas desenvolve de forma interessante o tema em questão. Finalmente, em 1930, em "Mal-Estar na Civilização", ele apresenta uma hipótese mais consistente sobre o retorno do amor pelo pai.

Destacamos em "Totem e Tabu" (1913) a afirmação "o pai morto tornou-se mais forte que vivo" (1913, p.171). Ela parece indicar o valor exato que assumem a culpa e o amor pelo pai para os homens primitivos. De início, é claro no texto freudiano, embora ele não explique como, que o parricídio estabelece de forma direta e imediata a relação entre culpa e recalque. Essa idéia ficará mais clara quando analisarmos a origem da culpa em "Mal-Estar na Civilização" (1930); por ora o que o texto de Freud deixa pensar é que culpa e recalque aparecem amarrados pela ótica do amor do pai, estabelecendo assim vínculo mútuo.

A força do pai morto reside também no fato de ser eminentemente vigilante: o totem, ao ser colocado em lugar de destaque na comunidade, observava atentamente todos aqueles que tentassem infringir as duas leis básicas do totemismo. Curiosamente, diz-nos Freud, essas leis "correspondem inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo" (1913, p.172): matar o pai e manter relações incestuosas com a mãe. Além de assegurar a comunidade fraterna com a instalação da lei de proibição do incesto, essa força seria capaz de impedir a repetição real desse ato e reprimir no pensamento todo aquele que tivesse intenção de praticá-lo.

Desse modo, o sentimento de culpa não seria exclusivamente atribuído ao fato em si do cometimento desse ato, mas também à intenção de cometê-lo.

É a partir da idéia de que há desejo de assassinar o pai que Freud compara o comportamento dos homens primitivos com o das crianças. Estas também matam seus pais, nos mesmos termos que aqueles o fizeram e manifestam essa atitude em situações típicas, como, por exemplo, atirar objetos neles, etc. O desejo da criança de matar o pai não é um desejo que fica na intenção; há a realização do mesmo, através das atitudes referidas. Conforme já tivemos oportunidade de citar neste trabalho, esse parece ser o sentido da afirmação de Freud sobre algumas atitudes infantis, que transformam, até onde elas podem, seus impulsos em atos.

De acordo com Freud, as atitudes agressivas em relação ao pai são características do pensamento dos homens primitivos e das crianças. Ao contrário do que acontece com os primeiros, esse pensamento na infância sucumbe pelo efeito do recalque e do ressurgimento do amor, o que ocasiona uma mudança de atitude por parte dos filhos em relação ao pai. Conseqüentemente, muda-se também o tratamento a ele conferido. Desse modo, as honrarias, o privilégio da imortalidade e o amor agora concedidos nada mais são que meios que os homens primitivos encontraram para "apaziguar esse causticante sentimento de culpa" (1913, p.173). Amado-o, eles se des-culpavam pelo ato cometido e garantiam a existência da

lembrança do pai na horda.

A manutenção da lembrança do pai através do símbolo totêmico decorre do processo que leva ao assassinato do pai. Observamos que Freud, ao descrevê-lo, o faz apresentando-o em fases, da mesma forma como faz com o complexo de Édipo e com as fantasias de espancamento. Sugerimos fazer algumas aproximações entre o complexo de Édipo e as fantasias de espancamento, uma vez que tanto o Édipo quanto as fantasias envolvem questões referentes ao tratamento que se dá ao pai, aos afetos que lhe são dirigidos e que levam o sujeito a se posicionar em relação a seu desejo e sua sexualidade.

Freud parece estar convencido de que os afetos dirigidos ao pai são fundamentais para que o sujeito se posicione em relação a seu desejo e sua sexualidade, quando, por exemplo, em "Uma Criança é Espancada" (1919), teoriza sobre a posição sado-masoquista que a criança assume no período de desenvolvimento das fantasias de espancamento. Para nós, mais importante que refletir essa posição, é constatar que essas fantasias "têm sua origem numa ligação incestuosa com o pai" (1919, p.247) e que o sentimento de culpa e o amor pelo pai definem os rumos da situação fantasística.

Essa última afirmação ficará mais clara ao comentarmos as três fases de desenvolvimento da fantasia de espancamento que apresentamos a seguir. Na primeira, "pertencente a um período muito primitivo da infância" (1919,

p.231), a situação pode ser expressa pela frase "o meu pai está batendo na criança, ele ama apenas a mim" (1919, p.234), pois a criança imagina que não é ela que está apanhando, mas sim outra criança; na segunda fase, "onde começam profundas transformações" (1919, p.232), o significado da frase muda e passa a ser "estou sendo espancada pelo meu pai" (idem); e, finalmente, na terceira fase, encontramos significado na seguinte afirmação: "o meu pai está batendo nas crianças (ele só ama a mim)" (idem)

Concentraremos nossa atenção na segunda fase, considerada por Freud a mais importante e significativa de todas. Nela, há "o estrago provocado pela geada devido ao inevitável destino das intenções do amor incestuoso" (1919, p.235).

A percepção por parte da criança "da descoberta de algum evento externo que leve à desilusão - tal como o desprezo inesperado, o indesejado nascimento de um irmão ou irmã (que é sentido como uma infidelidade)" (idem) é o que pode levar o amor incestuoso a sucumbir. Essa descoberta faz a criança imaginar que seu pai não mais a ama e a maior prova disso é que ele agora a espanca.

Neste ponto, fazemos uma aproximação entre essa fase de desenvolvimento da fantasia de espancamento e a fase edípica. Parece que, neste momento, a ação de espancar pode assumir, para a criança, significado de recalque. Essa hipótese

não é clara no texto de Freud, mas imaginamos ser possível fazer essa relação a partir da seguinte afirmação:

Depressa se aprende que ser espancado, mesmo que não doa muito, significa uma privação de amor e uma humilhação. E muitas crianças, que se acreditavam seguramente entronadas na inabalável afeição dos pais, foram de um só golpe derrubadas de todos os céus da sua onipotência imaginária (1919, p.234).

Quando Freud nos diz acima que "ser espancado significa uma privação de amor e uma humilhação", pensamos que o recalque das intenções incestuosas deve-se a essa privação. A desilusão provocada pela descoberta de que o pai ama também outras crianças é que leva o amor incestuoso a sucumbir, na medida em que a criança imagina que ela não mais detém a exclusividade do amor paterno. Em outras palavras, o espancamento parece influir sobre a criança quando o recalque se manifesta, através da privação do amor do pai, até então incestuoso. Nestes termos é que aproximamos o recalque da sensação de ser espancado e é aí que reconhecemos a figura paterna como representante da ação de espancar e que, enquanto autoridade, leva à desilusão do amor incestuoso.

De acordo com Freud, é neste ponto, em que há a renúncia do amor incestuoso, que ocorrem as transformações mais profundas e é onde, inclusive, ele nos fala sobre o aparecimento do sentimento filial de culpa. Ele nos diz:

ao mesmo tempo em que ocorre o recalque, surge o sentimento de culpa. Este é de origem desconhecida, mas não há dúvida de que, por qualquer que seja, está ligada aos desejos incestuosos e justificada pela persistência

desses desejos no inconsciente (1919, p.236).

De fato, este artigo de Freud nos deixa um pouco na incerteza sobre a origem da culpa, pois ele apenas mostra quando ela surge, conforme já havíamos visto em "Totem e Tabu" (1913). No entanto, ele não cessa de pensar quais relações poderiam existir entre culpa e recalque e uma de suas conclusões é que o recalque dos desejos incestuosos desencadeia um movimento de regressão, a partir do qual o sentimento de culpa adquire maior significado.

O processo que leva ao surgimento do sentimento de culpa tem seu início ligado, segundo Freud, a um "rebaixamento regressivo da própria organização genital para um nível mais baixo" (1919, p.237). Não é diretamente ao recalque que Freud atribui o aparecimento da culpa, mas sim do efeito de regressão que surge a partir dessa ação. A dúvida que Freud nos deixa neste texto refere-se a investigar o que acontece neste processo de regressão que leva ao surgimento da culpa. Para esclarecer essa questão teremos primeiro que comentar a afirmação freudiana mencionada no início deste parágrafo para, posteriormente, em "Mal-Estar na Civilização" (1930), encontrarmos uma explicação mais plausível para ela.

Essa afirmação nos parece trazer algo novo que até então não havia surgido em nossos estudos sobre culpa e recalque. Estamos falando do efeito de regressão que aparece, segundo Freud, a partir da ação do recalque.

No pensamento de Freud, o movimento regressivo é considerado uma evolução, no sentido que ele é condição não só para que a fantasia continue se desenvolvendo, mas também porque é nesse movimento que surge o sentimento de culpa e é o que possibilita o retorno do amor pelo pai. Sabemos que a partir da relação entre culpa e recalque há a internalização da autoridade e isso é considerado por nós uma evolução, nos termos que já definimos no capítulo anterior.

Freud nos conta que não são todas as crianças que desenvolvem a fantasia de espancamento, mas somente aquelas "cujo componente sádico conseguiu, por motivos constitucionais, desenvolver-se prematura e isoladamente. É preciso não abandonar esse ponto de vista" (1919, p.236), nos diz Freud, "são exatamente essas crianças que acham particularmente fácil voltar à organização pré-genital, anal-sádica, da vida sexual" (1919, p.236).

Ele nos alerta que, nas crianças em questão, o rebaixamento regressivo deve-se também ao fato de que nesta primeira fase da fantasia não há um estabelecimento preciso da organização genital: "Se ela (a organização genital), que mal conseguiu se firmar, se defronta com o recalque, a consequência é ... o efeito de regressão" (idem).

Neste ponto, Freud parece sugerir que esta fase da organização genital, por não ter conseguido se firmar, é, de certa forma, impotente para confrontar o recalque, sendo aí

onde ela sucumbe. O texto de Freud dá margem ao pensamento de que há um fraco estabelecimento da organização genital, o que seria suficiente para conduzir o processo a um nível mais baixo.

A regressão é esse movimento que conduz o processo a um nível mais baixo e que caracteriza a segunda fase de desenvolvimento da fantasia de espancamento. Seu significado ficará ainda mais claro, a partir da seguinte afirmação de Freud:

O meu pai me ama queria expressar um sentimento genital; devido à regressão, converte-se em "o meu pai está me batendo (estou sendo espancada pelo meu pai)". Esse "ser espancado" é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual. *Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação.* (1919, p.237) (grifos de Freud)

Com essa citação, percebemos que é o sentimento de culpa, em conjunção com o amor sexual, que determina o surgimento dessa segunda fase da fantasia de espancamento. O recalque impede o avanço da fantasia de amor incestuoso e, pelo efeito de regressão que isso produz, ocasiona o aparecimento de outra fantasia, com significado diferente. Temos, assim, que, em última instância, o que o movimento regressivo promove é a substituição de uma fantasia por outra.

Entretanto, a fantasia segue o curso de sua evolução e o desenvolvimento subsequente aponta para uma nova etapa, em que reconhecemos o retorno do amor pelo pai. Nesta fase, quem

apanha não é mais a criança que cria a fantasia. Apesar da fantasia continuar sendo criação de seu pensamento, quem apanha agora são outras crianças das quais ela assiste o espancamento. Também não é mais o pai o agente da ação e sim substitutos daquele que representa a autoridade. Através dessa substituição, a criança pode resgatar o amor pelo pai, atribuindo a terceiros a responsabilidade por atitudes tão contrárias à que imaginava encontrar num pai. É como que se na frase "o meu pai está batendo na criança, ele só ama a mim, a ênfase tenha se deslocado para a primeira parte, depois que a segunda sofreu repressão" (1919, p.238). O que caracteriza esta fase é o fato de agora o amor pelo pai encontrar-se reprimido.

Neste texto, "Uma Criança é Espancada" (1919), Freud chamou-nos a atenção para um ponto sobre o qual queremos propor uma aproximação com a questão do amor recalcado nos homens primitivos. Ele nos afirma que "o sentimento de culpa não pode ter conquistado o campo sozinho (campo referente à segunda fase da fantasia); uma parcela deve ser atribuída ao impulso do amor" (1919, p.236).

Como já sabemos, a fantasia de espancamento tem sua origem relacionada a uma ligação incestuosa com o pai, o que equivale a dizer, a um impulso de amor em sua direção. Se reportarmos esse raciocínio aos tempos primevos, podemos indagar: será que Freud, ao colocar a existência de amor recalcado entre os homens, não estaria pensando em termos similares aos que utilizou na primeira fase da fantasia de

espancamento? Sabemos que os homens primitivos apanhavam do pai e que em "Totem e Tabu" (1913) não há menção do pai estar batendo no irmão; não é por esse caminho que estamos propondo a aproximação, mas sim pela ótica de como podemos conceber a existência de amor pelo pai anterior ao parricídio. Chama-nos atenção o fato de que na primeira fase da fantasia de espancamento o amor não se encontrava recalcado, ao contrário da terceira, onde, pela descrição de Freud, o amor pelo pai já teria sofrido ação do recalque.

Esse ponto em que o amor não teria ainda sofrido a ação do recalque é o que imaginamos que permite a aproximação acima sugerida, ou seja, entre o amor da primeira fase da fantasia de espancamento e o vivido anteriormente ao parricídio. De qualquer forma, Freud enfatiza que o impulso amoroso em relação ao pai tem participação fundamental no processo que leva à castração e à origem do sentimento de culpa. Entretanto, deixaremos como questão saber até que ponto podemos considerar o impulso amoroso como um dispositivo que aciona o processo de castração. Por ora, queremos reafirmar que, nos sentimentos ambivalentes presentes na "malta" de irmãos, o que prevaleceu foi o impulso hostil.

Vimos em "Uma Criança é Espancada" (1919) que Freud estabelece uma relação direta entre o movimento regressivo e o surgimento da culpa. Entretanto ele não se detém nas transformações intra-psíquicas que ocorrem neste processo. É em "Mal-Estar na Civilização" (1930), quando nos fala sobre as

duas origens da culpa, que vamos, a seguir, esclarecer esta questão.

A primeira origem da culpa relaciona-se à percepção de uma autoridade externa e a segunda à internalização desta autoridade através do estabelecimento do super-ego. Ele afirma que "a primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso, exige punição, uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do super-ego" (1930, p.151).

Embora nas duas origens da culpa o reconhecimento da autoridade se faça em função de renúncias pulsionais, é só num momento posterior que este sentimento se manifesta no sujeito sob a forma de consciência. De acordo com Freud, ao contrário do que acontece na primeira origem da culpa, na segunda origem não é o medo de ser descoberto pela autoridade que está em jogo; não é necessário haver influência externa para se sentir culpado, pois agora a autoridade está no próprio sujeito com a consciência - definida por Freud como "a presteza em se sentir culpado" (1930, p.155) - julgando quais de suas ações ou intenções podem fazê-lo sentir-se culpado. Assim é que Freud nos afirma a seguir que não basta apenas haver uma renúncia pulsional como na primeira origem da culpa, para que esse sentimento apareça. Ele nos diz que

originalmente, a renúncia ao instinto constituía o resultado do medo da autoridade externa: renunciava-se às próprias satisfações para não se perder o amor da autoridade. Se se efetuava essa renúncia,

ficava-se por assim dizer quite com a autoridade e nenhum sentimento de culpa permaneceria. Quanto ao medo do super-ego, porém, o caso é diferente. Aqui, a renúncia instintiva não basta, pois o desejo persiste e não pode ser escondido do super-ego. Assim, a despeito da renúncia efetuada, ocorre um sentimento de culpa (1930, p.151).

Este ponto referente à renúncia pulsional é de grande importância em nosso estudo. A partir dele poderemos compreender melhor como acontece o retorno do amor pelo pai, e por isso iremos nos deter nas considerações de Freud sobre o processo que leva à redescoberta desse amor e que origina a culpa. Ele inicia sua exposição a partir do que considera como autoridade na primeira origem da culpa.

De acordo com ele, autoridade externa nesse primeiro momento é "o que o sujeito sente como ação de uma influência estranha, que decide o que deve ser chamado de bom ou mau" (1930, p.147). Ele nos diz que

os próprios sentimentos de uma pessoa não a conduziriam ao longo desse caminho; e ela deve ter um motivo para submeter-se a essa influência estranha. Esse motivo é facilmente descoberto no desamparo e na dependência dela em relação a outras pessoas, e pode ser mais bem designado como medo da perda de amor. Se ela perde o amor de outra pessoa de quem é dependente, deixa também de ser protegida de uma série de perigos. Acima de tudo fica exposta ao perigo de que essa pessoa mais forte mostre a sua superioridade sob forma de punição. De início, portanto, mau é tudo aquilo que com a perda de amor nos faz sentir ameaçados" (idem).

Percebemos, a partir dessa afirmação de Freud, que a autoridade, na primeira origem da culpa, parece ter duplo

papel: ao mesmo tempo que ameaça a criança de perder o amor, a protege contra essa perda. Tudo indica que pode ser esse o sentido da seguinte afirmação freudiana:

em primeiro lugar vem a renúncia ao instinto, devido ao medo de agressão por parte da autoridade externa. (É a isso naturalmente que o medo da perda do amor equivale, pois o amor constitui proteção contra essa agressão punitiva) (1930, p.151).

Dando continuidade ao processo que origina a culpa, vimos que o medo de perder o amor da autoridade é sentido pela criança como uma agressão e sua atitude diante dessa ameaça é, de acordo com Freud, "esboçar uma reação a essa agressividade", a fim de conservar para si este amor.

Em "Mal-Estar na Civilização" (1930), há a idéia de que existe no homem um desejo de agressão, inato à espécie humana, e que este desejo se expressa através de atitudes hostis em relação àquele que supostamente o ameaça. Neste momento, quando Freud nos fala sobre este desejo inato de agressão, ele não se referia ao fato de que esta agressividade estaria especificamente dirigida à autoridade ameaçadora, neste caso, a figura paterna. Entretanto, o pai é o representante dessa autoridade e assim pensamos que alguns desses impulsos inatos de agressão são dirigidos a ele em função da ameaça que representa enquanto agente real de castração (4). Nossa

4. Entendemos por castração "um complexo centrado no fantasma (fantasia) de castração, que vem trazer uma resposta ao enigma posto à criança pela diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis). Esta diferença é atribuída a um corte do

suposição baseou-se também na seguinte afirmação freudiana:

É provável que, na criança, se tenha desenvolvido uma quantidade considerável de agressividade contra a autoridade, que a impede de ter suas primeiras - e também mais importantes - satisfações, não importando o tipo de privação instintiva que dela possa ser exigida. Ela, porém, é obrigada a renunciar à satisfação dessa agressividade vingativa e encontra saída para essa situação economicamente difícil com o auxílio de mecanismos familiares. Através da identificação, incorpora a si a autoridade inatacável (1930, p.153).

Desse modo, ciente desde "Totem e Tabu" (1913) de que o homem não poderia viver sob o domínio da impulsividade agressiva, Freud se pergunta "o que então acontece no indivíduo para tornar inofensivo seu desejo de agressão?" (1930, p.146) Sua resposta é a seguinte:

sua agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio ego. Aí é assumida por uma parte do ego, que se coloca contra o resto do ego, como super-ego, e que então, sob a forma de "consciência", está pronta para pôr em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos (1930, p.146).

Percebemos, desta maneira, que a agressividade que era dirigida à autoridade volta-se contra si mesmo. Este reenvio é sentido como se ele (o sujeito) estivesse se punindo, agredindo a si próprio, sendo essa sensação de auto-punição o

pênis da criança do sexo feminino" (Laplanche & Pontalis, 1983, p.111).

que Freud denomina sentimento de culpa - "uma tensão que surge entre o ego e o super-ego" - pelo retorno dos impulsos agressivos (idem).

É esse movimento que leva à internalização da lei e da autoridade. Esses impulsos, ao não serem mais dirigidos ao pai, são internalizados sob a forma de lei, como descrevemos na segunda origem da culpa. Com parte desses impulsos recalçados, dirigidos ao próprio ego, o amor pela autoridade protetora encontra expressão e origina a culpa, da forma como Freud deixa entender em "Totem e Tabu" (1913): recalca-se o assassinato do pai e em seu lugar surge um substituto, o qual todos devem amar pelo remorso sentido por esse ato.

Levantamos a hipótese (5) se seria possível pensar o retorno do amor pelo pai em função do luto que a mãe faz pela perda daquele que é considerado seu objeto de amor. No reconhecimento perante o filho da perda surgida depois de "assassiná-lo", haveria também o reconhecimento do amor da mãe pelo pai e em decorrência, pela sua palavra, o filho reconheceria esse amor e o luto seria a fase onde haveria a possibilidade de sua elaboração. Apesar de não desenvolvermos essa questão, quisemos mostrar essa hipótese, pois a questão do retorno do amor pelo pai em Freud surge com muitas alternativas de compreensão e, ao mesmo tempo, tem importância significativa

5. Esta hipótese surgiu em um dos encontros tidos com Octávio Souza durante o período de elaboração desta pesquisa.

em nosso estudo.

Em relação a saber se havia ou não amor pelo pai anterior ao parricídio, pensamos que poderíamos admitir sua existência através do reconhecimento da ambivalência afetiva naquela época, conforme Freud nos conta a seguir:

Esse remorso constituiu o resultado da ambivalência primordial de sentimentos para com o pai. Seus filhos o odiavam, mas também o amavam. Depois que o ódio foi satisfeito pelo ato de agressão, o amor veio para o primeiro plano, no remorso dos filhos pelo ato... (1919, p.156).

Pela ambivalência, Freud admite a existência do amor pelo pai anteriormente ao parricídio. Porém, de acordo com o que Freud nos conta sobre a origem do recalque, seria improvável admitir esse amor como recalcado. Mesmo admitindo a existência do amor paterno, aparecem aqui duas questões: 1. Se esse amor que já existia, como surgiu? 2. Como explicar a existência de amor pela ambivalência se a sua definição pressupõe "a coexistência *crônica* (grifo de Freud) de amor e ódio, ambos dirigidos à mesma pessoa e ambos com o mesmo elevadíssimo grau de intensidade?" (1909, p.248) Apesar de dar provas de sua existência, pensamos se não estaríamos sendo redundantes ao tentar explicar a existência de amor pela ambivalência, pois, no nosso entender, estaríamos em outras

palavras, dizendo o seguinte: havia amor porque havia amor e ódio, da forma como Freud acabou de nos definir.

A questão de saber a origem desses afetos é realmente bastante complexa e se apresenta de difícil resolução. O processo de busca de suas origens parece conduzir-nos a uma espécie de "umbigo" no que se refere aos afetos humanos. Imaginamos que, nessa questão, o início das coisas só é concebível imaginariamente, sugerindo que o que Freud faz nesse momento é quase uma petição de princípio, pois do contrário, ficaria difícil pensar a origem do amor pelo pai.

Em algumas passagens deste trabalho, mencionamos que Freud identifica no ponto de incorporação da autoridade a origem de todos os conflitos neuróticos, em função do desdobramento do complexo de castração e do Édipo. Nossas formulações sobre o mito do pai da horda primitiva não estão longe de uma articulação entre o mito que cada neurótico vive e os conflitos que ele desenvolve. É isso que Lacan nos aponta em "O mito original do neurótico" (1980). Ele se apóia no caso do "Homem dos Ratos" de Freud (1909), que tem em torno da representação da figura paterna, o cerne das questões colocadas por esse paciente de Freud. Do texto de Lacan e das "Notas sobre um caso de neurose obsessiva" (1909), iremos fazer algumas reflexões que consideramos importantes no aprofundamento de nosso estudo.

3. A HERANÇA PATERNA

Em prefácio ao artigo de Lacan "O Mito Individual do Neurótico", Tito Cardoso e Cunha compara a função do mito ao processo de cura analítica. Ao mesmo tempo que faz essa afirmação, nos diz que é neste mito que podemos procurar a origem dos conflitos neuróticos. Apoiado principalmente nos textos de Lévi-Strauss em que este último compara as funções do xamã e do psicanalista, Tito Cardoso nos diz: "Em ambos os casos se trata, na expressão de Lévi-Strauss, de um mito fundador da cura."

Iniciaremos nossas considerações sobre a função do mito, seja na psicanálise ou no xamanismo, colocando a questão de saber por que o mito é fundador da cura. Propomos discuti-la a partir da aproximação sugerida por Lévi-Strauss, para posteriormente articulá-la à função do mito edipiano na psicanálise. Neste capítulo, também vamos discutir se podemos considerar as representações decorrentes desse mito como uma herança.

No artigo "A Eficácia Simbólica", Lévi-Strauss nos diz que, tanto no xamanismo quanto na psicanálise, o processo de cura aponta para a construção de um mito que o paciente deve viver ou reviver. De acordo com ele, o mito fundamenta-se em uma "situação original que está no início da perturbação" (1980, p.15) ou seja, uma situação que, num determinado momento

histórico da vida do sujeito, provocaria a doença. Assim, através da reconstituição da situação mítica original, as representações afetivas até então "conservadas informuladas, poderão se organizar e os mecanismos situados fora do controle do sujeito poderão se ajustar espontaneamente, para chegar a um funcionamento ordenado" (1967, p.229).

A garantia de que o método da "reconstituição da vivência mítica" leva à cura, está associada ao que Lévi-Strauss referiu-se como "eficácia simbólica" que

... reside fundamentalmente na verbalização, operada pelo mito, de afetos anteriormente incompreensíveis porque desintegrados de um sistema e agora englobados num conjunto cultural estruturante de toda uma sociedade à qual a paciente pertence (1973, p.233).

Em ambos os casos, a eficácia simbólica aponta para o que Lévi-Strauss considerou "propriedade indutora do mito", que consiste

em induzir uma transformação que se constituiria essencialmente numa reorganização estrutural que conduzisse o doente a viver intensamente um mito, ora recebido, ora produzido, e cuja estrutura seria, no nível do psiquismo inconsciente, análoga àquela da qual se quereria determinar a formação do nível do corpo. (idem)

A analogia entre as funções do xamã e do psicanalista torna-se ainda mais evidente quando Lévi-Strauss considera a linguagem como o instrumento privilegiado da técnica utilizada por esses "médicos". É o método da narrativa que induz o sujeito a reviver o mito, possibilitando a sua cura.

Entretanto, o autor comenta diferenças nesse método, das quais destacamos a seguinte:

... num caso (psicanálise), trata-se de um mito que o paciente deve construir a partir de elementos fornecidos pela sua própria história pessoal, enquanto que no outro é um mito social que a paciente escuta. Para além de que, num caso, o paciente fala e o psicanalista escuta (uma vez que é o paciente que constrói seu próprio mito), enquanto no outro o xamã fala (narrando o mito social) enquanto o paciente escuta (Lévi-Strauss apud Cunha, 1980, p.15).

Essa inversão referente a quem fala e quem escuta no jogo da relação terapêutica é o que dá um sentido diferente à prática psicanalítica. Porém, Lévi-Strauss nos afirma que, independentemente dessa inversão, o efeito produzido ao escutar ou narrar o mito é o mesmo. De acordo com ele, entre o mito e o doente, estabelece-se "uma relação de símbolo a coisa simbolizada, ou, para empregar o vocabulário dos lingüistas, de significante a significado" (1973, p.228). O que é de nosso maior interesse nesse momento é identificar que é nessa relação de símbolo a coisa simbolizada que se produz o efeito definido por Freud como "ab-reação - esse momento decisivo da cura em que o doente revive intensamente a situação inicial que está na origem da perturbação, antes de a superar definitivamente" (1973, p.229).

Até esse momento nossos comentários sobre a afirmação de que o mito é fundador da cura basearam-se em uma analogia estabelecida entre o método e a técnica utilizadas pelo xamã e o psicanalista, da qual destacamos o efeito produzido pela

linguagem através da narrativa do mito. A seguir, vamos concentrar nossa atenção nas considerações de Lacan e Lévi-Strauss em relação ao mito de Édipo, pois é no ponto onde este último autor coloca o Édipo como uma vivência mítica que os comentários de Lacan sobre "o mito individual do neurótico" tornam-se mais interessantes para o nosso propósito, pois o complexo de Édipo é, na realidade, o mito individual que cada sujeito vive. Acompanhando Lévi-Strauss: "(...) e os complexos, esses mitos individuais, reduzem-se a alguns tipos simples, moldes onde se vem prender a fluida multiplicidade dos casos" (1973, p.235).

É interessante a observação apontada por Lévi-Strauss sobre o que ele considerou como "tempo mítico". Este tempo refere-se ao tempo histórico em que o primeiro mito foi construído e o tempo atual em que cada sujeito constrói o seu próprio mito. Sendo assim, ele nos diz que esse tempo

é duplo porque se o mito existe essencialmente na linguagem, há que distinguir nele dois níveis: Enquanto a língua se situa num tempo reversível, a palavra situa-se num tempo irreversível. Ora precisamente, o mito define-se por um sistema temporal que combina as propriedades do reversível e do tempo irreversível... o tempo do mito é reversível porque está sempre presente, mas cada vivência mítica particular é irreversível porque individual... A psicanálise, cujo processo de cura se assenta na procura do "tempo perdido", mostra como o mito de Édipo é a-temporal na sua estrutura formal, mas irreversível no seu conteúdo pessoal histórico (Strauss apud Cunha, 1980, p.20).

Da citação de Lévi-Strauss, fazemos referência ao

mito de Édipo, que, ao combinar as propriedades do reversível e do irreversível, consagra o que há de mais significativo na constituição dos sujeitos, como irá nos mostrar Lacan em seu artigo "O Mito Individual do Neurótico" (1980).

Neste texto encontramos também algumas considerações que nos levam à reflexão de saber por que Lacan coloca "o mito edipiano no coração da experiência analítica" (1980, p.50). Vemos também, a partir de um caso clínico de Freud, como o mito individual se articula com a função do pai e se podemos considerar alguns aspectos dessa "constelação mítica" uma herança. Para este fim, apresentaremos a seguir uma sinopse deste caso, "O Homem-dos-Ratos" (1909).

Em outubro de 1907, Freud recebe em seu consultório "um jovem de formação universitária" (1909, p.163) queixando-se de que sofria de obsessão desde a infância e que, nos últimos quatro anos, ela havia se intensificado.

De acordo com Freud, os aspectos principais do distúrbio de seu paciente eram, primeiramente, "medo de que algo pudesse acontecer a duas pessoas de quem ele gostava muito: seu pai e uma dama a quem admirava" (1909, p.163). Havia também o que Freud denominou de "impulsos compulsivos" - como por exemplo, cortar a garganta com uma lâmina - e a situação de uma dúvida persistente, que o impedia de resolver as mais simples questões como decidir aonde ir, etc.

Concomitantemente com essa hesitação do paciente de Freud, havia todo um aparato em função de uma dívida a qual parecia ser impossível pagar. Tal dívida referia-se ao pagamento de seus óculos - encomendados pelo correio e que às suas mãos haviam chegado por intermédio de um tenente do exército, uma vez que esse paciente, no momento desse episódio, encontrava-se no serviço militar obrigatório e havia perdido seus óculos numa das manobras militares.

Tal tenente, entretanto, disse que ele, o homem-dos-ratos, deveria pagar pelo reembolso postal e pelos óculos a um outro tenente que tinha ido até a agência dos correios buscar, dentre outras encomendas, os óculos do paciente de Freud. A partir de então começa uma maratona desse sujeito a fim de conseguir pagar pelos serviços que lhe foram prestados. Ele cria situações nas quais a intenção de pagar é consciente, mas onde sempre acontece algo que o impede de efetuar o pagamento. Ele pega o trem, pensa em descer na estação seguinte e voltar, desiste dessa idéia, acha que está sendo obsessivo demais... enfim, toma uma série de atitudes que intensificam cada vez mais sua angústia diante de seu conflito.

A resolução de seus conflitos começa a se delinear quando o "homem-dos-ratos" relata a Freud o seguinte episódio da vida de seu pai: este, antes de iniciar o romance com a mãe do paciente, cortejou uma moça de origem humilde, ao contrário de sua mãe, que provinha de uma família abastada. Com o casamento, o pai desse paciente entrou para a empresa

industrial da família de sua mulher, onde adquiriu posição privilegiada. Após a morte do pai, sua mãe contou-lhe que certa ocasião, ao conversar sobre seu futuro com alguns parentes ricos, um de seus primos ofereceu completar sua educação desde que o filho dela casasse com uma das filhas dele. Assim como seu pai, ele adquiriria em decorrência uma posição privilegiada e uma carreira brilhante na empresa industrial da família, com a condição de que, em troca, ele desse continuidade aos negócios já iniciados pelo pai.

Com este esclarecimento, o paciente de Freud descobria agora que vivia uma situação bastante análoga à que viveu seu pai diante de um dilema amoroso: ou ele abdicaria do convívio de sua amada (pois ele neste momento cortejava uma moça pobre) para casar com sua prima predestinada (seguindo assim os passos de seu pai), ou abdicaria das boas conseqüências advindas desse matrimônio para ficar com a jovem pela qual se interessara.

Dessa maneira, este paciente identificou-se com o seu pai uma vez que se "encontrava numa situação semelhante àquela na qual, conforme sabia ou desconfiava, seu pai estivera antes de seu casamento" (1909, p.203). Podemos dizer, para reforçar essa identificação, que seu pai antes de casar-se fora um sub-oficial do exército e que, segundo Lacan, "permaneceu muito sub-oficial, com o tom da autoridade, porventura um pouco irrisória, que isso conota" (1980, p.56). O exército era também a instituição em que o paciente de Freud se encontrava antes de

casar-se e que fora o local em que o grande delírio obsessivo da idéia dos ratos havia eclodido.

A questão da dívida começaria a ganhar significado a partir de outra descoberta importante desse paciente de Freud. Ele soube que, na época em que seu pai estava no exército na qualidade de oficial militar, este era o responsável pelo controle das finanças da instituição e que, numa determinada ocasião, ele perdera esse dinheiro num jogo de cartas. Seu pai era portanto um "spielratte" (rato-de-jogo) (1909, p.212) e nessa situação teve que pedir dinheiro emprestado a um amigo para poder cobrir o desfalque que havia dado nas finanças do exército. Posteriormente este pai, já em condições de pagar tal dívida, não conseguiu localizar o amigo a fim de reembolsá-lo. "O paciente estava inseguro quanto a saber se ele alguma vez conseguira devolver o dinheiro" (1909, p.213).

A esta recordação da vida de seu pai e ao fato dele estar envolvido num conflito cujo motivo manifesto é a impossibilidade de pagar uma dívida somou-se em seu ouvido de forma imperativa a ordem expressa do mesmo capitão que lhe havia contado a história do suplício dos ratos (6): "Você deverá reembolsar ao tenente as 3.80 kronnen" (idem) - aludindo ao paciente como se ele tivesse que pagar a dívida não liquidada do pai, tornando-se essa dívida uma herança.

6. O suplício em questão consiste na introdução de ratos pelo reto abdominal.

Das manobras empreendidas pelo homem-dos-ratos, havia sempre as que se destinavam a voltar à localidade "z" a fim de encontrar o tenente e saldar sua dívida junto a ele. Mas no percurso do tratamento, descobriu Freud que seu paciente interessara-se pela filha de um dos donos da hospedaria de tal localidade, mas que ela possuía uma rival: a jovem moça da agência postal que havia pago os óculos do protagonista de nossa história. Agora ele poderia, como seu pai, hesitar sobre de qual das duas jovens ele iria se aproximar quando terminassem suas manobras militares e, na verdade, voltar a "z" significava inconscientemente a possibilidade de se aproximar da jovem do correio.

Ainda que condensado, o relato desse caso clínico fez-se necessário para que pudéssemos articulá-lo com as considerações lacanianas contidas em "O mito individual do neurótico". Segundo Lacan, "é em torno da idéia de reembolso que a crise do paciente de Freud conhece seu último desenvolvimento" (1980, p.59). A fantasia desse paciente apoiava-se no conflito existente entre a impossibilidade de pagar a dívida associada ao "imperativo interior do dever neurótico de reembolsar a soma, mas em condições bem precisas." Ele havia jurado pagá-la e se não o fizesse imaginava que o suplício dos ratos pudesse acontecer também com as pessoas que ele mais amava. Como já dissemos, sua angústia baseava-se neste conflito e é a partir dele que Lacan define o mito individual do neurótico nos seguintes termos:

este cenário fantasmático que se apresenta como um pequeno drama, uma gesta, que é precisamente a manifestação do que chamo o mito individual do neurótico. Ele reflete com efeito, de um modo sem dúvida fechado para o sujeito, mas não absolutamente, longe disso, a relação inaugural entre o pai, a mãe e o personagem mais ou menos apagado no passado do amigo. Esta relação não é evidentemente elucidada pela maneira puramente factual como a expus, pois que ela só toma seu valor em virtude da apreensão subjetiva que dela teve o sujeito. (1980, p.61)

A afirmação de Lacan que o mito deste paciente de Freud encontra-se na relação inaugural entre o pai, a mãe e o personagem mais ou menos apagado no passado do amigo aponta para o período de desenvolvimento do complexo de Édipo, a partir do qual surge a perturbação neurótica, onde as representações míticas decorrentes dessa experiência podem vir a se manifestar sob a forma de sintomas.

Nesse caso, as "formulações míticas" desse paciente de Freud, colocadas sob a forma de um "cenário fantasmático", fazem referência, conforme já vimos, a situações análogas que viveu seu pai num determinado dia. Isso nos pareceu interessante sob o ponto de vista de saber se podemos considerar essas situações uma "herança". Chamamos atenção para o fato de que, neste momento, o que estamos considerando como herança refere-se às representações sintomáticas desse paciente de Freud, decorrentes de sua identificação com o desejo de seu pai. Nas "Notas sobre um caso de neurose obsessiva" (1909), Freud nos fala sobre o "complexo paterno", indispensável no entendimento dessa questão.

O que ele considera como "complexo paterno" no "homem-dos-ratos" refere-se às situações de ambivalência afetiva em relação a seu pai, que, em seu paciente, estaria se manifestando "na persistente influência dos desejos de seu pai e nas suas próprias inclinações amorosas" (1909, p.201). Tal como seu pai havia hesitado quanto às decisões que deveria ter tomado em sua vida, pensamos se o homem-dos-ratos poderia ter herdado, via complexo paterno, essa hesitação e essa dívida.

Na realidade as situações de ambivalência afetiva presentes no complexo paterno apontam para a questão do desejo de morte do pai e, sobre este tópico, Freud nos chama atenção para o fato de que neste seu paciente havia todo um complexo incompreendido referente ao desejo de morte por seu pai. Mesmo sabendo que seu pai se encontrava realmente morto, o homem-dos-ratos parecia acreditar, em alguns momentos, que ele pudesse aparecer em determinadas situações. É como se o pai estivesse "meio-morto" e que uma outra morte - talvez imaginada - ainda estivesse por ocorrer.

No caso específico do homem-dos-ratos, observamos que é em torno do processo que leva à morte imaginada do pai, que seus conflitos se desenvolveram e, da mesma forma, sugerimos que seus conflitos têm relação direta com as representações advindas do complexo paterno. Com base nestes comentários é que afirmamos que a "herança" à qual estamos nos referindo relaciona-se à possibilidade de imaginar a morte do pai, que é

o momento crucial do desenvolvimento do complexo de Édipo.

Sobre a morte imaginada do pai, Lacan fez alguns comentários interessantes. Ele coloca que essa morte é o quarto elemento presente na relação edípica, inaugurando o que chamou de "sistema quartenário" ou "quartour mítico" (1980, p.74). De acordo com ele, esse quarto elemento é o que seria capaz de mediar o conflito que se estabelece na dialética edípica.

Ele afirma que o que está em jogo na dialética edípica é a relação narcísica que aí se apresenta. Lacan nos diz que

a relação narcísica ao semelhante é a experiência fundamental do desenvolvimento imaginário do ser humano. Enquanto experiência do eu, a sua função é decisiva na constituição do sujeito. Que é o eu, senão algo que o sujeito experimenta primeiramente como estranho no interior de si próprio. É em primeiro lugar num outro, mais avançado, mais perfeito que ele, que o sujeito se vê. Em particular, ele vê a sua própria imagem no espelho numa época em que é capaz de se aperceber como um todo, ao passo que ele próprio não se sente como tal, pelo contrário, vive no caos originário de todas as funções motoras e afetivas que é dos primeiros seis meses de sua vida (1980, p.75).

Este desenvolvimento imaginário adquire importância ao ser relacionado com o próprio movimento da dialética edípica. O conflito estabelecido nesta relação tem como personagens principais o pai e o filho que, imaginariamente, lutam pela posse do objeto de prazer representado pela figura materna.

é a partir dessa relação narcísica que podemos entender por que a morte é o quarto elemento do sistema proposto por Lacan. A morte, nesse contexto, está associada ao fato de que é a partir da relação especular estabelecida entre pai e filho que o conflito entre eles se desenvolve. Na luta imaginária entre a autoridade (pai) e o filho, o pai, mesmo "sendo assassinado", é quem ganha a "batalha". O que está em jogo aqui é a posse do objeto imaginário de prazer, e, nesse sentido, a perda parece ser mais sentida do lado do filho. De acordo com Lacan, o que a criança perde pode ser definido nos seguintes termos:

O sujeito tem sempre uma relação antecipada com a sua própria realização, que o reenvia a si mesmo a um plano de profunda insuficiência e testemunha nele uma fenda, uma dilaceração imaginária, um abandono, para retomar o termo heideggeriano. É por este fato que em todas as relações imaginárias, o que se manifesta é a experiência da morte. Experiência sem dúvida constitutiva de todas as manifestações da condição humana, mas que surge muito especialmente no vivido do neurótico (1980, p.75).

A experiência da morte é exatamente essa perda narcísica, essa "dilaceração imaginária" que o sujeito vive na dialética da luta de morte. O interessante é que Lacan afirma que esse "quartour mítico" tem também a função de elemento mediador. Acompanhando Lacan, a morte imaginada do pai desempenha um papel de "tutor tranquilizante" (1980, p.63), no sentido que ela permite, em última instância, o estabelecimento de um pacto entre aquele e seu filho no desfecho do conflito edípiano.

Esta função Lacan ilustra através do amigo do homem-dos-ratos, que sempre o tranquilizava, aconselhando-o quando ele reclamava de seus próprios exageros nas atitudes obsessivas. O amigo, que aparece como salvador (seu pai também tivera um amigo salvador), lhe dizia: "nunca fizeste o mal que julgas ter praticado, não és culpado, não liguês" (1909, p.173). Desse modo, o amigo do "homem-dos-ratos" o tranquilizava no sentido de que suas palavras ajudavam a apaziguar o intenso sentimento de culpa sentido por este paciente de Freud. Conforme vimos no capítulo anterior, o remorso surge por ocasião da morte imaginada do pai e a função tranqüilizante apontada por Lacan refere-se, em última instância, à possibilidade de reconciliação afetiva de tipo amorosa que deveria surgir após essa luta imaginária.

Ainda sobre a morte imaginada do pai, Lacan nos apresenta uma outra vertente que nos ajuda a entender melhor porque essa morte tem que ser imaginada. Ele parte do próprio Hegel, autor da dialética do senhor e do escravo e nos diz o seguinte:

É que, finalmente, para que a dialética da luta de morte, da luta de puro prestígio possa simplesmente iniciar-se, é necessário que a morte não seja realizada, é necessário que ela seja uma morte imaginada porque o movimento dialético cessaria por falta de combatentes. É com efeito da morte imaginada, imaginária que se trata na relação narcísica. É igualmente na morte imaginária e imaginada que se introduz na dialética do drama edípiano, é dela que se trata na formação do neurótico, a saber a atitude existencial característica do homem moderno (1980, p.78).

Falamos, um pouco acima, a respeito da morte imaginada do pai e colocamos essa experiência como fundamental no desenvolvimento do complexo de Édipo. É sobre esse tema que vamos agora dar continuidade a nosso trabalho e para isso utilizaremos um dos últimos textos escritos por Freud, "Moisés e o Monoteísmo" (1939), bem como alguns comentários de Ernest Jones sobre o pensamento freudiano relativo à hereditariedade mnêmica.

4. SOBRE A TRANSMISSÃO DE LEMBRANÇAS MNEMICAS

No capítulo anterior, quando sugerimos que o conflito do "homem-dos-ratos" havia sido herdado a partir de uma identificação ao desejo de seu pai, estávamos pensando, na realidade, sobre algum tipo de causação da neurose que teria sua etiologia relacionada basicamente à transmissão dos sintomas neuróticos através da linguagem e de processos identificatórios.

Ao procurar na teoria freudiana quais seriam os tipos de causação da neurose, descobrimos que podíamos distinguir dois tipos de etiologia: um desses tipos seria o que mencionamos acima e o outro estaria referido aos conteúdos inatos e adquiridos relacionados à filogênese da espécie humana.

Descobrimos também que Freud, ao investigar a hereditariedade de traços mnêmicos, tinha em mente a possibilidade de pensar a transmissão das lembranças mnêmicas em função do inatismo e, neste trabalho, estamos sugerindo pensar sobre algum tipo de transmissão mnêmica, sem, no entanto, ter que recorrer às disposições inatas.

Nossa suposição baseia-se em observações cotidianas do comportamento de crianças e do próprio relato de Freud em alguns de seus textos. Nestes artigos ele nos fala de

semelhanças percebidas na conduta de pais e filhos, onde estas últimas parecem assimilar de seus pais noções que se referem também ao que pensam sobre moral, ética, etc. Supomos que a incorporação destas noções se dá através de processos identificatórios e da linguagem e colocamos em questão a possibilidade de considerá-las inatas nos termos que Freud irá nos propor a seguir. Posteriormente, desenvolveremos algumas questões que nos levarão à compreensão de como podemos conceber a transmissão das noções que mencionamos acima.

Nossa argumentação terá início com alguns comentários de Ernest Jones sobre o pensamento de Freud em relação à transmissão de lembranças mnêmicas em função do inatismo e prosseguirá com outras observações que encontramos em "Moisés e o Monoteísmo" (1939).

Jones nos conta que "Freud estava convencido de que algumas fantasias primordiais, em especial as do coito e castração, eram transmitidas por herança, de uma forma ou de outra, em particular como pré-disposição para serem despertadas por situações adequadas" (1989, p.308).

Partindo da afirmação de Jones, de que Freud reconhece a fantasia de castração inata, colocamos a seguinte questão: Se a castração foi adquirida pelo homem, imaginamos que essa fantasia teve uma origem e, mais do que isso, teve que se fixar no pensamento do homem com força tal, a ponto de tornar-se uma característica inata. Como isso seria possível?

Uma herança filogenética supõe que as propriedades de transmissão do traço mnêmico encontram-se nos gens. Neste caso, a lembrança do episódio ocorrido nos tempos primevos (o assassinato do pai da horda primitiva), teria que ser incorporada ao código genético da espécie humana e, como tal, essa lembrança teria que ocasionar uma modificação a nível das informações contidas nos gens da espécie.

O pensamento de Freud sobre essa questão parece ser o de que ele realmente acreditava que determinados caracteres adquiridos, devido a sua importância, poderiam se tornar inatos, sendo capazes de propiciar a transformação a nível genético que mencionamos anteriormente. Segundo Jones, Freud estava certo de que

acima de tudo, medo e culpa é que eram transmitidos desse modo fatídico (p.312) ... as reações culpadas que acompanhavam os numerosos atos pré-históricos de parricídio foram herdadas - constituíam na verdade o pecado original dos teólogos - e eram reanimadas em todas as gerações pela ocorrência de situações semelhantes de ciúme. Agora isso implica que as atitudes conscientes dos homens primitivos lhe causaram uma impressão tão profunda a ponto de reverberar pelo seu corpo, produzindo, talvez via "gêmulas" de Darwin, uma correspondente impressão dos túbulos seminíferos de modo que quando - talvez anos depois - produzirem espermatozóides cada um destes fora modificado de forma a criar, quando unido a um óvulo, uma criança que trazia dentro de si a lembrança da experiência de seu pai (p.310).

Não foi sem alguma surpresa que recebemos essa interpretação de Jones sobre o pensamento de Freud. Os motivos

que nos fizeram sentir surpresa foram os seguintes: Primeiro, a dificuldade que se coloca, conforme mencionamos acima, em imaginar como uma experiência desse tipo tenha sido capaz de modificar o código da espécie nestes termos; segundo, porque contra esse argumento de Freud, temos o seguinte comentário de Ernest Jones:

Todavia, Freud devia conhecer a esmagadora prova apresentada, entre outros, por Weismann, mostrando que as células germinativas são totalmente imunes à influência de quaisquer alterações no soma. Por alguma razão, ele preferiu ignorá-la (p.310).

Ao expor esse pensamento de Freud, não estamos querendo negar a existência do inatismo na espécie humana. O que não nos parece de fácil compreensão é a interpretação de Jones sobre o pensamento de Freud de que "as células germinativas trazem a lembrança do pai e que o episódio ocorrido nos tempos primevos teria sido capaz de transformar os túbulos seminíferos". Ao contrário, estamos de acordo com Freud quando afirma essa existência percebida por ele a partir de sua experiência na clínica. Mais precisamente, Freud percebeu

que aquilo que pode ser operante na vida psíquica de um indivíduo pode incluir não apenas o que ele experimentou, mas também coisas que estão inatamente presentes nele, quando de seu nascimento, elementos com uma origem filogenética - uma herança arcaica. Surgem então as questões de saber em que consiste essa herança, o que contém e qual é a sua prova (1939, p.119).

A resposta de Freud é que essa herança

consiste em certas disposições [inatas],

características de todos os organismos vivos: isto é, na capacidade e tendência de ingressarem em linhas específicas de desenvolvimento e de reagir, de maneira específica, a certas excitações, impressões e estímulos. Visto a experiência demonstrar que, a esse respeito, existem distinções entre os indivíduos da espécie humana, a herança arcaica deve incluir essas distinções; elas representam o que identificamos como o fator constitucional nos indivíduos. Ora, desde que todos os seres humanos, em todos os acontecimentos de seus primeiros dias, têm aproximadamente as mesmas experiências, eles reagem a elas, também, de maneira semelhante (1939, p.119).

É a partir do que Freud destaca como inerente à herança arcaica dos homens que poderemos avançar em nossa investigação sobre como podemos conceber a transmissão dos sintomas neuróticos através da linguagem e dos processos identificatórios.

Em relação à linguagem, Freud nos diz que, "em primeiro lugar, é inato ao homem a universalidade do simbolismo da linguagem. A representação simbólica de um objeto por outro - a mesma coisa aplica-se a ações - é familiar a todos os nossos filhos e lhes vem, por assim dizer, como coisa natural" (1939, p.119).

Imaginamos que poderia parecer contraditório neste momento hipotetizarmos sobre a etiologia da neurose em função da linguagem devido à seguinte questão: Se estamos sugerindo que pela linguagem podem-se transmitir os sintomas neuróticos e que para este fim não precisamos recorrer às disposições inatas, que quis dizer Freud quando afirma que o simbolismo da

linguagem é inato?

O que ele nos diz em relação ao simbolismo inato da linguagem parece referir-se à capacidade que os sujeitos têm de "ingressarem em linhas específicas de desenvolvimento", quer dizer, que é natural ao homem desenvolver a fala e que na filogênese da espécie estariam as pré-disposições inatas necessárias para que ocorresse o desenvolvimento da linguagem.

Freud considera a linguagem um aspecto essencial na transmissão dos caracteres mnêmicos, embora ele faça uma distinção entre uma tradição herdada pelo aspecto filogenético e uma tradição transmitida pela comunicação. Ao nos descrever sobre "a formação do caráter de um povo" ou "da sobrevivência da tradição de um povo", ele nos diz que o que tinha em mente era pensar uma tradição herdada a partir da filogênese.

É em função da distinção apontada por Freud referente à diferença entre a transmissão herdada pela filogênese e pela comunicação que relacionamos a linguagem com a causação da neurose sem recorrermos ao inatismo. Quando colocamos essa questão, pensávamos num tipo de herança que seria transmitida pela comunicação oral.

Segundo o que vimos delineando, a linguagem participa efetivamente na construção do que chamamos anteriormente de um mito individual e é somente a partir da comunicação oral, transmitida de pai para filho, que entendemos as construções

míticas. Neste caso, o simbolismo inato da linguagem pouca influência exerceria no pensamento dos homens, se não pudéssemos vinculá-lo à função da linguagem enquanto meio predileto de comunicação entre os homens.

Observamos que as noções sobre moral, ética, etc, que as crianças adquirem têm como referência principal a palavra dos pais, o que parece demonstrar o alto valor que essa palavra exerce sobre a constituição dos sujeitos. O que os pais são, o modelo que eles representam, e o que eles dizem a seus filhos, estes acreditam com toda a concretude que é peculiar ao pensamento infantil, e essa palavra, que vem dizer também sobre a lei do pai, é o que realmente parece determinar a construção do sujeito, pois, afinal como nos diz Freud, "quem, a não ser o pai, pode ser o grande homem da infância?" (1939, p.131).

A idéia de pensar a etiologia das neuroses através de processos identificatórios partiu essencialmente dos comentários de Freud sobre Goethe, "que, no período de seu gênio, decerto olhava com desprezo para seu inflexível e pedante pai, mas que em sua velhice desenvolveu traços que faziam parte do caráter deste" (1939, p.148). Ele nos fornece também outros exemplos que, da mesma forma, o caráter do pai teria influenciado o comportamento dos filhos, a ponto de todos eles desenvolverem características semelhantes às dos seus pais. Assim, ele nos fala sobre

um jovem, cujo destino foi crescer ao lado de um pai inútil, começou por transformar-se, em desafio a ele, numa pessoa capaz, digna de

confiança e honrada. No apogeu da vida, seu caráter se inverteu, e daí por diante comportou-se como se tivesse tomado aquele mesmo pai como modelo. A fim de não perdermos a vinculação com nosso tema, devemos manter em mente o fato de que, no início de tal curso de acontecimentos, há sempre uma identificação com o pai na primeira infância. Esta é posteriormente repudiada e até mesmo super-compensada, mas, ao final, mais uma vez se estabelece (1939, p.148).

é considerando o que Freud nos diz em relação a pensar o pai enquanto modelo, isto é, aos processos de identificação que ocorrem entre ele e seu filho, que admitimos a possibilidade de transmissão de sintomas neuróticos pelos processos identificatórios. Em realidade quando falamos de processos identificatórios, nos referimos à identificação ao desejo do pai, da forma como comentamos no capítulo anterior, a partir do caso clínico de Freud "O Homem-dos-Ratos".

Vimos esboçando neste capítulo uma articulação entre a formação dos sintomas neuróticos e a função do pai, a partir das considerações que fizemos sobre a transmissão desses sintomas através da linguagem e dos processos identificatórios.

A suposição de que a função do pai articula-se com a formação dos sintomas neuróticos torna-se mais evidente a partir do seguinte comentário de Catherine Millot:

Freud chega ao ponto de enunciar na carta 52 (carta a Fliess) que a histeria resulta em todos os casos da perversão do sedutor. Se a histeria é hereditária, a transmissão se opera pela transmissão da parte do pai... Freud afirma ter encontrado em seus próprios sonhos a confirmação de sua tese, segundo a qual, "é certamente o pai que promove a

neurose" (1988, p.12).

A fim de entendermos um pouco mais a afirmação freudiana - "é certamente o pai que promove a neurose" (idem) - recorreremos à relação que Freud estabelece em "Moisés e o Monoteísmo" (1939) entre o retorno do recalcado e a formação dos sintomas. Entretanto, teremos primeiro que saber o que significa retorno do recalcado, para posteriormente relacioná-lo à formação dos sintomas e à função do pai.

É a partir do que Ernest Jones nos conta sobre qual seria a hipótese principal de "Moisés e o Monoteísmo" (1939) que poderemos avançar em nossa investigação. Ele nos diz que essa hipótese é a que se refere "à possibilidade de pensar um conteúdo mnêmico adquirido filogeneticamente poder explicar a semelhança entre as construções de uma neurose e as de antigas culturas" (p.307).

Para estabelecer essa semelhança, Freud sugere uma seqüência de fatos - trauma primitivo - defesa - latência - desencadeamento da doença neurótica - retorno parcial do reprimido - que, segundo ele, participariam do desenvolvimento da neurose e, da mesma forma, do desenvolvimento de antigas civilizações.

Parece que aqui podemos entender a analogia freudiana, em função do tempo mítico que descrevemos no capítulo anterior. Na hipótese de "Moisés e o Monoteísmo" (1939), há também a possibilidade de pensar de forma individual

e no contexto da história das civilizações os acontecimentos a que nos estamos referindo. Porém, neste momento o que está em relevo é a questão do retorno do recalcado e sua relação com a analogia proposta por Freud no parágrafo anterior:

Não posso aqui repetir pormenorizadamente o conteúdo de "Totem e Tabu". Mas tenho que tentar preencher a longa extensão existente entre aquele hipotético período primevo e a vitória do monoteísmo, nos tempos históricos. Após a instituição da combinação de clã fraterno, matriarcado, exogamia e totemismo, começou um desenvolvimento que deve ser descrito como um lento retorno do reprimido. Aqui, não estou empregando o termo reprimido em seu sentido próprio. O que está na tela é algo na vida de um povo que é passado, perdido de vista, relegado e que nos aventuramos a comparar com o que é reprimido na vida mental de um indivíduo (1939, p.157).

Sugerimos refletir sobre em que situações podemos dizer que há o retorno do recalcado. Uma dessas situações parece referir-se à possibilidade de lembrança do pai e, neste caso, veremos que, na contextualização histórica fornecida por Freud, a participação de Moisés tem importância decisiva.

Ele nos conta que tanto Moisés quanto Cristo adquiriram nesse percurso histórico algumas características semelhantes às do pai da horda primitiva. Dissemos algumas, porque Freud faz a ressalva de que nem um nem outro sequer chegaram perto da tirania que era peculiar ao pai primevo. De qualquer forma, no que se refere ao significado da morte desses dois personagens da história, não há muita diferença em relação ao episódio ocorrido em "Totem e Tabu" (1913). Freud nos diz que a morte de Cristo e de Moisés serviram para redespertar,

após longa latência, o traço mnêmico referente ao assassinato do pai. De acordo com ele,

o que, certamente, é de importância decisiva é o despertar do traço de memória esquecido por uma repetição real e recente do acontecimento. O assassinato de Moisés constituiu uma repetição desse tipo e, posteriormente, o suposto assassinato judicial de Cristo, de maneira que esses acontecimentos vêm para o primeiro plano como causas (1939, p.122).

Chamamos atenção para o fato de que, na maioria dos casos onde se verifica o aparecimento de um homem com essas características, identificamos que, no contexto onde ele surge, há sempre uma situação de turbulência, seja social, política, religiosa, etc. Assim, foi no período da era primitiva, quando os filhos se revoltaram contra os poderes do pai despótico e, de acordo com o que Freud nos conta, na época em que Moisés surgiu, que eram intensas as revoltas populares no Egito, principalmente, por motivos religiosos.

O comentário que acabamos de fazer parece sugerir, por mais paradoxal que possa parecer, que a autoridade surge sempre em momentos específicos como os que mencionamos acima. Imaginamos que a "coincidência" apontada no parágrafo anterior quer dizer algo mais sobre a função paterna, ou seja, o fato de que o recurso à paternidade em um momento ameaçador como esse sugere que a função do pai tem também o aspecto de orientar e aglutinar os filhos ao redor de uma referência - neste caso protetora - imprescindível da condição humana.

Dissemos que o comentário acima pode parecer paradoxal, porque o que afirmamos, em última instância, foi que se assassina e se recorre ao pai no momento de turbulência. Para esclarecer este paradoxo, recorreremos à analogia proposta por Freud, em que ele nos fala que podemos comparar o desenvolvimento de antigas civilizações com o desenvolvimento da neurose. Imaginamos que também podemos identificar no desenvolvimento do sujeito um período de turbulência que teria relação com a função do pai.

Estamos nos referindo ao período de desenvolvimento do complexo de Édipo, que consideramos tumultuado, devido aos impasses que se colocam para a criança nesta época. O maior deles refere-se à presença do pai (presença da lei de interdição do incesto), que não permite o avanço das intenções incestuosas da criança em relação à mãe (que representa o objeto de prazer).

O desejo de assassinar o pai provém desse momento em que a criança percebe a presença paterna. Já vimos que é pelos impulsos hostis que a criança "assassina" o pai e que desse "assassinato" surge o remorso e redescobre-se o amor por ele. Temos aí amor e ódio dirigidos ao pai no período do complexo de Édipo. Assassina-se para se obter a posse do objeto de prazer e, ao mesmo tempo, recorre-se a ele em momentos nos quais a criança demanda proteção. Assim, a contradição que apontamos acima pode ser compreendida através da ambivalência afetiva em relação ao pai, que é por definição paradoxal e que vem se

constituindo ao longo desse trabalho como uma das características mais marcantes da relação entre pai e filho.

De qualquer forma, fica o registro de que, em "Moisés e o Monoteísmo" (1939), não se trata mais de pensar a origem do pai como em "Totem e Tabu", mas sim de que em ocasiões bem precisas é necessário recorrer ao pai. Enfatizamos, porém, que neste caso a lembrança *per si* do assassinato do pai seria suficiente para que, nas situações a que nos referimos, os homens pudessem usufruir da paternidade.

Uma outra situação em que podemos reconhecer o "retorno do recalçado" é na relação que Freud estabelece entre esse retorno e a formação de sintomas. Sobre essa relação, Freud nos diz que

todos os fenômenos da formação de sintomas podem ser justamente descritos como "o retorno" do reprimido e que sua característica distintiva, contudo, é a deformação, de grandes conseqüências, a que o material que retorna foi submetido, quando comparado com o original (1939, p.151).

A relação existente entre função do pai e formação dos sintomas neuróticos está ligada à afirmação de Freud de que o período de desenvolvimento da neurose se inicia com o trauma primitivo - "aquelas impressões cedo experimentadas e mais tarde esquecidas, a que concedemos tão grande importância na etiologia da neurose" (1939, p.91).

O trauma primitivo a que Freud se refere nada mais é

senão a sedução que se opera pela parte do pai, conforme Millot (1988) nos sugeriu acima. A participação do pai na formação dos sintomas neuróticos consiste no fato de que é o retorno das impressões traumáticas fixadas na mente do sujeito que será expresso como os sintomas da neurose. Dessa maneira, o pai se encontra na origem da formação dos sintomas e, sendo o retorno do recalcado a expressão dos mesmos, afirmamos que sempre que estes se manifestam eles trazem em si uma questão referente ao pai.

No próximo capítulo, discutiremos basicamente a questão do trauma primitivo e da fantasia edipiana. O que está estará em pauta a seguir será o remanejamento da teoria psicanalítica a partir da descoberta de Freud de que "o objetivo da cura não consiste mais em procurar o rochedo do acontecimento" (1988, p.15). Veremos que a função do pai na psicanálise adquire maior consistência a partir dessa percepção de Freud, e que este caminho apontará a questão de saber o que se pode esperar de um pai.

5. O QUE SE PODE ESPERAR DE UM PAI

Após rastreamos na obra de Freud textos que nos possibilitaram pensar questões relativas à função do pai, notamos que algumas de suas afirmações aparecem isoladas nesses artigos, sem que fossem desenvolvidas de maneira exaustiva, ao contrário do que ocorre com as questões que propõe discutir. No entanto, tais afirmações são fundamentais para compreendermos o que Freud tinha em mente quando pensava a paternidade. Sendo assim, optamos por comentá-las e articulá-las ao que até agora já refletimos.

Em "Moisés e o Monoteísmo", por exemplo, Freud afirma que "a paternidade é mais importante que a maternidade, embora não possa, como esta última, ser estabelecida pela prova dos sentidos, e que, por essa razão, a criança deve usar o nome do pai e ser herdeira dele" (1939, p.140).

Referências a essa idéia freudiana aparecem também em outros textos, principalmente naqueles em que se discute sobre as conseqüências do episódio ocorrido em "Totem e Tabu" (1913). Entretanto, foi só em 1939, em "O Avanço em Intelectualidade" e "A Renúncia ao Instinto" - presentes em "Moisés e o Monoteísmo" - que essa idéia apareceu de forma mais clara e consistente, o que nos permitiu entender melhor por que Freud atribuiu à paternidade uma importância soberana.

Ao constatar a afirmação de Freud, de imediato imaginamos que esta importância estaria atribuída às conseqüências já discutidas neste trabalho, decorrentes da internalização da lei de interdição do incesto. Não temos dúvidas de que essas conseqüências constituem o eixo principal (e porque não dizer indispensável) no entendimento da primazia paterna apontada por Freud. Porém, os efeitos da descoberta freudiana no que concerne ao complexo de Édipo não se limitaram a afetar somente o sujeito e sua singularidade mas, pelo contrário, puderam ser sentidos por toda a humanidade. Dentre esses efeitos Freud nos diz que: "a renúncia à pulsão provoca um afastamento da mãe para o pai, e aponta, além disso, para uma vitória da intelectualidade sobre a sensualidade - isto é, para uma avanço em civilização..." (1939, p.136).

No primeiro capítulo deste trabalho, havíamos estabelecido uma relação entre evolução psíquica e a função do pai. Sugerimos, naquele momento, que o homem teve que evoluir psiquicamente e chegar a um estágio evolutivo para desejar assassinar o pai da horda primitiva. O surgimento do super-ego e do pai edípico, decorrentes desse episódio, foram por nós considerados uma evolução psíquica, e é a esse acontecimento que Freud parece estar se referindo quando fala de um "avanço em intelectualidade".

Naqueles tempos primevos, o pai servia apenas às funções biológicas, sendo provável que entre os membros da horda não se colocava a questão de saber quem era o pai. Na

realidade, não havia necessidade de reconhecimento da figura paterna, pois ela era totalmente dispensável no que se refere aos primeiros cuidados exigidos pelo nascimento dos filhos.

Assim, Freud nos fala que a atividade de pensamento conhecida pelo homem na era primitiva restringia-se somente à percepção direta dos órgãos sensoriais. Sua suposição parte de uma constatação indubitável: a fêmea, ao trazer no ventre um filho, tem garantida a existência materna "pela evidência dos sentidos" (1939, p.136), e o que Freud considera como "percepção direta dos órgãos sensoriais" (idem) são as sensações advindas da gravidez, dos cuidados de amamentação e dos órgãos dos sentidos. É na impossibilidade de contestar a evidência materna que ele nos fala de um predomínio da sensualidade e do matriarcado na época primitiva. Admitir essa hipótese significa extinguir toda a possibilidade de conceber a existência imaginativa de algo, ou seja: no tempo primitivo, o homem ainda não era capaz de abstrair seu pensamento, o que levou Freud a considerar a atividade psíquica característica do período matriarcal como "uma atividade psíquica inferior" (idem).

Freud nos conta que

fôo em algum lugar entre o desenvolvimento da fala e o fim do matriarcado que os seres humanos viram-se obrigados em geral a reconhecer as forças intelectuais [geistige], isto é, forças que não podem ser apreendidas pelos sentidos (particularmente pela vista) mas que não obstante produzem efeitos indubitáveis e, na verdade, extremamente poderosos (idem).

Seguindo o pensamento de Freud de que nos tempos primitivos só se conhecia o que a percepção direta dos órgãos sensoriais permitia, imaginamos se seria possível admitir o reconhecimento das forças intelectuais, associado à concepção imaginária do pai.

Essa suposição baseia-se principalmente no fato de que, com o assassinato do pai, não existe mais a evidência única do registro paterno, no qual o pai possuía todas as mulheres. O pai agora está morto e em seu lugar surge a fantasia edipiana, na qual a existência do pai não pode ser reconhecida através da evidência dos sentidos. Nestes termos é que Freud pôde afirmar que "a paternidade é uma hipótese, baseada numa premissa e numa inferência" (1939, p.136), e, de acordo com sua idéia, não seria demasiado afirmar que o estatuto de pai, conforme a psicanálise hoje lhe confere, nada mais é senão uma criação imaginária do pensamento humano.

Seja o pai real ou imaginário, a figura materna - causa de todo esse empreendimento por representar o objeto a conquistar - permanece sob o domínio do "Grande Homem". A diferença é que, no caso do pai tirânico, os filhos parecem ter certeza de que o pai é o "dono" do objeto desejado. Certeza que seria obtida através da percepção direta do órgão da visão, pois é possível pensar que, numa época tão primitiva, as relações sexuais se davam à vista de todos. No caso do pai imaginário, não há evidência de posse do objeto amado; apenas

supõe-se que existe um homem que usufrui desse objeto.

O que Freud considerou como "uma vitória da intelectualidade sobre a sensualidade" é a capacidade que o homem adquiriu após o episódio descrito em "Totem e Tabu" (1913) de abstrair idéias, fazer inferências e, sobretudo, imaginar. Quando ele diz que a paternidade é mais importante que a maternidade, sua afirmação baseia-se no fato de que com o surgimento do pai edípico, "escancarou-se o reino da intelectualidade, na qual idéias, lembranças e inferências se tornaram decisivas" (idem). Pensamos também que o "avanço em intelectualidade" foi o dispositivo que possibilitou o desenvolvimento do raciocínio abstrato, extensivo a outros campos do saber como a filosofia, o desenvolvimento tecnológico, etc. Esse desenvolvimento deveria trazer benefícios para o bem-estar da humanidade e, talvez, este seja também um outro motivo pelo qual possamos considerar a supremacia da paternidade colocada por Freud.

A concepção imaginária do pai aponta para a descoberta do Édipo, que veio não somente definir o lugar do pai na teoria psicanalítica, como também propiciar uma transformação radical da mesma, principalmente no que se refere à técnica utilizada por Freud, em função de sua experiência na clínica. Desse modo ele viu-se obrigado a remanejar seus pressupostos teóricos, remanejamento que consistiu na passagem da teoria traumática à teoria da fantasia. Nesta última, a função do pai assume importância decisiva no tratamento das

enfermidades neuróticas e, devido ao que ela representou, faremos alguns comentários sobre esse momento histórico, em que a elaboração da teoria psicanalítica toma outro rumo. Essa discussão também levará à compreensão de saber o que se pode esperar de um pai, questão crucial que se coloca diante da humanidade.

No início de seus trabalhos, Freud concentrou suas atenções nos traumas infantis, contentando-se em fazer da descoberta desses traumas o objetivo do tratamento psicanalítico.

De acordo com ele, o trauma devia-se a uma sedução por parte do pai à qual Freud se referia como o atentado sexual sofrido na infância, pensando que neste ponto poderia encontrar os caminhos que poderiam levar à cura analítica.

Entretanto, a teoria traumática, em que o "objetivo da cura consistia em procurar o rochedo do acontecimento" (1988, p.15), foi abandonada por Freud quando ele constatou que descobrir "as revelações traumáticas demonstrou muitas vezes não ter efeito terapêutico" (idem, p.14). Os pacientes atêm-se ao rochedo do acontecimento, que transformam numa posição inexpugnável, e devolvem ao analista a sua impotência" (ibid).

Catherine Millot nos diz que um dos fatores que estariam determinando a ineficácia do método terapêutico de então é o fato de que o trauma, como acontecimento real,

representa um obstáculo para a cura, pois "o real constitui um limite da análise" (idem, p.14). É nestes termos que Millot invoca Freud, a propósito das queixas de Dora: "Estou doente depois de ter passado por tal e tal coisa. Que pode o senhor fazer em relação a isso? Nada pode apagar as marcas deste real" (idem, p.14).

A convicção de Dora nessa última afirmação parece ter ajudado Freud a perceber que, de fato, a analisabilidade compromete-se em função do limite imposto por sua paciente. "O rochedo do acontecimento" não poderia mais ser o objetivo do tratamento, e Freud teria então que remanejar sua teoria, pensando que outra possibilidade poderia conduzir à cura da histérica.

Segundo Millot, esse remanejamento teórico aconteceu "entre 1897 e 1905, quando Freud efetuou uma revisão radical de sua teoria da etiologia das neuroses". Ela nos diz que neste período

a teoria traumática dá lugar à da fantasia, inseparável da promoção do complexo de Édipo, a partir de então considerado como núcleo central da neurose. Esta operação conduz a uma inversão gramatical. O desejo do pai é sempre o elemento patogênico mais importante, mas passou-se agora do genitivo subjetivo ao genitivo objetivo: é o desejo pelo pai, recalcado, que estaria na origem da histeria, e não o atentado sexual sofrido - que seria, na maior parte dos casos, apenas uma elaboração fantasística da segunda. A culpa do desejo retorna ao emissor e o complexo de Édipo constitui a resposta de Freud à teoria traumática da histeria que aceitara primeiramente. (idem, p.12)

Ao rever sua teoria, Freud dá um passo considerável no que se refere ao entendimento dos processos patológicos. O pai, que na teoria traumática estava na origem desses processos, continua sendo a causa da enfermidade na teoria fantasística, porém com um novo sentido até então desconhecido:

Ao substituir o gozo perverso fora da Lei, em jogo no trauma, ele permite uma certa simbolização ao mesmo tempo em que a figura obscena e feroz do pai sedutor é substituída pela do pai de Édipo, o que proíbe o gozo incestuoso, ao qual exige que renuncie em nome de uma lei à qual ele próprio está submetido. (idem, p.14)

Catherine Millot aponta que "é o pai, enquanto representante da libido, que opera a mudança de direção da pulsão de morte em relação ao princípio de prazer, isto é, uma mudança no regime de gozo" (idem, p.25). Esta mudança, à qual aludimos no parágrafo anterior, refere-se à substituição do gozo perverso fora-da-lei, qualificado por ela como gozo letal, por um gozo de auto-sacrifício, gozo que Ferenczi qualifica de "altruísta" (idem, p.25).

Em ambos os casos, seja ele letal ou de auto-sacrifício, o gozo introduz o sujeito numa dimensão na qual a morte é o único encontro possível. O gozo letal aparece "marcado de violência e dor, que ameaça o sujeito de destruição" (idem, p.23). Uma destruição que não se refere necessariamente à morte do corpo físico, mas sim "à não aceitação de se sacrificar ao gozo mais poderoso da autoridade", sendo que a aceitação é o que define o "gozo altruísta".

No "gozo letal", o pai aparece somente como agente do trauma, pai real e tirano em sua mestria, não permitindo sob hipótese alguma que se produza na criança a "perda do mundo da inocência". Ao contrário, o "gozo de auto-sacrifício" possibilita "a perda da inocência", pelo reconhecimento do pai como "o senhor do desejo" (idem, p.27). Mesmo que o gozo altruísta dê ao sujeito a noção de vida - que aqui poderia ser definida como a terna busca do "mundo da inocência" - ele só adquire essa noção através do assassinato imaginário do pai. Desse modo, no que se refere ao "destino" do sujeito, a psicanálise não deixa outra saída para ele senão a morte, ainda que distinguindo duas "modalidades mortais", como ilustra a seguir Catherine Millot.

Da mesma forma que podemos distinguir duas "direções da posição da morte, conviria distinguir duas modalidades de gozo:

aquela que transgride o princípio do prazer, a saber, um gozo que poderia qualificar de letal, semelhante a um sono que se aprofundaria até a morte; e um outro gozo ligado ao horror de uma violência destrutiva, semelhante ao surgir de uma dor intolerável. Duas modalidades mortais; uma por falta, e outra por excesso, que visariam, por caminhos diferentes, o mesmo objetivo. (idem, p.25).

Nestes termos Catherine Millot nos diz que o que se pode esperar de um pai é "que ele saiba o suficiente sobre aquilo que, do horror, se abre sobre o gozo para saber lhe dizer não - o que é propriamente sua função" (idem, p.9).

Em contrapartida, Freud já havia nos dito (1913) que o que "uma imaginação infantil espera de um pai é proteção, cuidado e indulgência" (1913, p.173).

Embora pareça divergente o que Millot e Freud dizem sobre a questão - o que se pode esperar de um pai -, é possível fazer uma aproximação entre as afirmações de ambos. O horror ao qual Millot se refere é o horror do gozo letal, fatal quando aplicado de forma real. O horror do gozo altruísta é relativo ao horror da violência destrutiva que, por mais horrível que seja, protege contra esta destruição. A função do pai neste contexto aparece como eminentemente protetora, da forma como Freud sugeriu e que posteriormente Millot ratificou:

Estes paradoxos da função paterna esclarecem a dupla crítica, aparentemente contraditória, formulada de modo diverso, com inexistência; pelos pacientes de ser o proibidor e o sedutor, de ser o responsável pela perda do Nirvana original e de lançar ao abismo do gozo materno. Estas críticas correspondem a uma dupla expectativa, o duplo apelo que lhe é endereçado, que ele saiba dizer não ao imperativo superêuico do gozo, estabelecer aí um limite protetor, que saiba não sucumbir à fascinação do sacrifício, nem por ele mesmo, nem por seu filho, e que saiba, ao mesmo tempo, fechar os olhos ao desejo e não perturbar o gozo letal (idem, p.26).

A dupla expectativa em relação ao pai mencionada por Millot chama-nos a atenção, uma vez que parece esclarecer ainda mais os contornos da função do pai na psicanálise. Ela fala de uma "dupla figura da carência paterna", ou dupla valência - ambivalência - da função do pai: "a do pai morto, a partir de

então impotente para proteger do gozo, privado do meio de desejo e que deixa somente esperança de uma transgressão possível, ou seja, da possibilidade do gozo, mantendo-o no horizonte" (idem, p.45), e a do "pai perverso através do qual se dá o escândalo" (idem, p.11).

Freud referiu-se a essa dupla presença do pai quando, em "Totem e Tabu" (1913), ao comentar sobre a cena do "sacrifício totêmico", nos diz que "o pai é representado duas vezes: como deus e como vítima" (idem, p.178). De acordo com ele

A dupla presença do pai corresponde aos dois significados cronologicamente sucessivos da cena. A atitude ambivalente para com o pai encontrou nela uma expressão plástica e assim também a vitória das emoções afetuosas do filho sobre as hostis. A cena da sujeição do pai, de sua maior derrota, tornou-se o estofado da representação de seu triunfo supremo. A importância que em toda parte, sem exceção, é atribuída ao sacrifício reside no fato de ele oferecer satisfação ao pai pelo ultraje que lhe foi infligido no mesmo ato em que aquele feito é comemorado (idem, p.178).

A dupla presença do pai, colocada por Freud, parece mesmo definir que a ambivalência afetiva em relação ao pai é uma das características marcantes presentes na função paterna. Que outras poderíamos citar, em função das questões que foram levantadas neste trabalho? Abrindo uma outra perspectiva nos perguntamos: será que o que se refere à função do pai pode ser compreendida em sua totalidade aos pressupostos psicanalíticos? Estas perguntas é o que comentaremos a seguir, na conclusão de nosso trabalho.

CONCLUSÃO

A sensação de ter chegado ao término da dissertação é confortadora, no sentido que coloca um ponto limite nas questões que não cessam de surgir a partir das associações que fazemos quando discutimos a função do pai na psicanálise. O tema que propusemos pesquisar constitui a referência principal da teoria psicanalítica, uma vez que, para pensar a função paterna na psicanálise, temos necessariamente que recorrer às considerações de Freud sobre o complexo de Édipo.

Entretanto, nas questões que discutimos durante este trabalho, algumas idéias de Freud sobre a função paterna apareceram com mais frequência, o que nos faz pensar que, no seu conjunto, elas podem definir de modo mais claro o pensamento de Freud sobre esse tema.

Uma delas refere-se à constatação de que o pai, ou mais precisamente a função que ele desempenha no complexo de Édipo, protege o sujeito de ser destruído por aquilo a que nos referimos como gozo devastador. Temos aqui a idéia de que o pai exerce uma função protetora em relação ao sujeito. Talvez seja esse o sentido da afirmação freudiana de que "o que uma imaginação infantil espera de um pai é proteção, cuidado e indulgência." (1913).

Chamamos a atenção para o fato de que a existência

paterna no registro da psicanálise refere-se à presença de uma lei no aparelho psíquico. O pai - no sentido literal da palavra - pode estar presente no dia-a-dia da criança, mas de nada adianta se ele e a mãe não trouxerem em si a Lei - ponto limite de um gozo devastador.

Em última instância, essa lei é tudo aquilo que, de um modo ou de outro, promove um certo afastamento da mãe - objeto de desejo - em relação à criança. Nesse sentido, o nascimento de um novo irmão, ao qual a mãe tem que dispensar maiores cuidados, ou o próprio trabalho em que ela se ausenta durante longos períodos, podem colocar para a criança a questão de saber a quem a mãe pertence. Se ela não se dispõe a estar com o filho a todo momento em que ele demanda sua presença, a criança imagina que existe "algo" que é da preferência materna que não ela própria. A percepção de que a mãe não é totalmente disponível aos anseios infantis é o que dá a dimensão de autoridade e, de acordo com a psicanálise, esta percepção é suficiente para conter as pulsões incestuosas.

No último capítulo afirmamos que a ambivalência afetiva em relação ao pai é uma das características principais na relação que se estabelece entre pai e filho. De fato, amor e ódio dirigidos ao pai estiveram presentes na maior parte das questões que propusemos discutir aqui. Sua importância para pensar a função do pai na psicanálise reside no fato de que foi a partir da ambivalência que surgiu, segundo nossa exposição, o desejo de "assassinar" o pai da horda primitiva, originando o

que chamamos de "Édipo Inaugural" e todas as conseqüências decorrentes desse assassinato, como o super-ego e a lei de interdição do incesto, ponto em que efetivamente podemos reconhecer a existência do pai, no sentido de lei e autoridade que a psicanálise lhe confere.

Também percebemos durante o desenvolvimento de nossas questões que a função paterna aparece em muitos momentos relacionada a uma dupla presença do pai. No nosso entender, essa dupla presença estaria relacionada à questão da ambivalência afetiva que mencionamos no parágrafo anterior e, desse modo, pensamos que o pai promove no sujeito uma dupla sensação: a de um "mal-estar" e a de um "bem-estar".

Pensar que o pai promove um bem-estar é no mínimo paradoxal, uma vez que sua função propõe, num primeiro momento, uma total desarmonia na ordem sexual pré-estabelecida, em que o sujeito se vê confiante de que terá para si a posse do objeto desejado. A função do pai é causadora de incômodo e de "mal-estar", na medida em que leva a criança à perda do "mundo da ternura" e da "inocência".

Dedicamos parte desse trabalho à discussão sobre a redescoberta do amor pelo pai e, a partir dessa reflexão, percebemos que amar o pai é imprescindível na realização do processo edípico. O retorno do amor pelo pai é o que possibilita o pacto entre ele e seu filho, que garante a função de "tutor tranquilizante", de "quartour mítico", e é em relação

a esse aspecto de sua função que arriscamos dizer que o pai promove um certo "bem-estar". Mesmo assim sabemos que não é sem algum sacrifício que se tem acesso a esse amor e que esse sacrifício pode causar sofrimento, na medida em que ele engendra, acima de tudo, remorso.

Um outro ponto significativo, e a que freqüentemente tivemos que recorrer durante a realização desse trabalho, é o fato de que as conseqüências que mencionamos anteriormente, como a internalização da lei de interdição do incesto e o surgimento do super-ego e do sentimento filial de culpa, só adquirem significado ao serem relacionadas ao recalque que, ao impedir o avanço das pulsões sexuais de conteúdo incestuoso, leva o sujeito a reconsiderar sua posição em relação ao objeto de prazer representado pela figura materna. É isto que possibilita o acesso do sujeito ao desejo, que poderia ser considerado como o parâmetro de "sucesso" da função paterna.

Não temos dúvidas, no que se refere à função do pai, que o indispensável é sua representação enquanto autoridade. Porém, é uma outra questão pensar se para o sujeito a representação de pai que ele traz consigo está relacionada somente à representação do pai enquanto lei ou se há outras representações nas quais haveria lugar para pensar a função do pai sob outra perspectiva. Em outras palavras: ser pai está relacionado somente a sua figura de autoridade, como a psicanálise nos diz, ou será que ser pai engloba outros aspectos nos quais o pai da realidade também estaria envolvido?

Imaginamos que o leitor familiarizado com os pressupostos psicanalíticos poderia nesse momento se perguntar: Qual o interesse de pensar o pai da realidade para quem se propôs estudar a função do pai na psicanálise e que afirmou acreditar que sua função é eminentemente de representante da Lei?

O interesse é somente fruto de uma inquietação referente à questão de saber o que é um pai e sugerir que ser pai também engloba aspectos relacionados ao pai da realidade. Nesse sentido a idéia de função do pai seria ampliada e atribuiríamos ao pai da realidade uma função que seria co-extensiva à função que a psicanálise propõe.

Sabemos que algumas dificuldades se apresentam quando colocamos a possibilidade apontada no parágrafo anterior, como por exemplo o fato de que, mesmo admitindo uma função ao pai da realidade co-extensiva à função do pai enquanto Lei, aquela estaria totalmente submetida ao Édipo e, nestes termos, pareceria que em nada nos beneficiaria uma proposição do tipo que sugerimos, pois ela se reduziria à função que o Édipo propõe.

Se pudermos sugerir uma função para o pai que não se restrinja somente à função de Lei, parece que temos que buscar respaldo teórico para reconhecimento dessa função em outros campos de saber, além da psicanálise.

Esperamos que esta pesquisa sirva como estímulo para quem se interessar em desenvolver um pouco mais a questão de saber o que é um pai.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

DELRIEU, ALAIN. "Freud y la cuestion del lazo social" in *Aspectos del mal-estar en la cultura*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1989.

FREUD, SIGMUND. "Notas sobre um caso de neurose obsessiva" (1909), in Freud, S. *Obras Completas*, vol. X, Rio de Janeiro, Imago, 1987.

_____. *Totem e Tabu* (1913), vol. XIII, Rio de Janeiro, Imago, 1987.

_____. "Uma criança é espancada" (1909), in Freud, S. *Obras Completas*, vol. VII, Rio de Janeiro, Imago, 1987.

_____. *Mal-estar na civilização* (1930), vol. XXI, Rio de Janeiro, Imago, 1985.

_____. *Moisés e o Monoteísmo* (1939), vol. XXIII, Rio de Janeiro, Imago, 1985.

JONES, ERNEST. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1989.

LACAN, JACQUES. *O mito individual do neurótico*. Lisboa, Assírio e Alvim, 1980.

LAPLANCHE & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1983

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. "A eficácia simbólica" in *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.

MILLOT, CATHERINE. *Nobodaddy - a histeria no século*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

OUTROS AUTORES E TEXTOS

FREUD, SIGMUND. "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), in Freud, S. *Obras Completas*, vol. VII, Rio de Janeiro, Imago, 1987.

_____. "Psicologia de grupo e análise do ego" (1921), in Freud, S. *Obras Completas*, vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

_____. "A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade" (1923), in Freud, S. *Obras Completas*, vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

_____. "O ego e o id" (1923), in Freud, S. *Obras Completas*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1987.

_____. "A dissolução do complexo de Édipo" (1924), in Freud,

S. *Obras Completas*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1976.

_____. "Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos" (1925), in Freud, S. *Obras Completas*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1987.

_____. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

LACAN, JACQUES. O Seminário. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, livro 11. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985

_____. O seminário. As psicoses, livro 3. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

_____. O seminário. Las formaciones del inconsciente. Buenos Aires. Xerox datilografado.

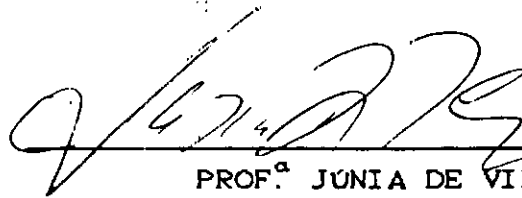
MEZAN, RENATO. Freud: pensador da cultura. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

SOUZA, OCTAVIO. "O nome do pai no tratamento da histeria" Revirão 3. Rio de Janeiro, 1987.

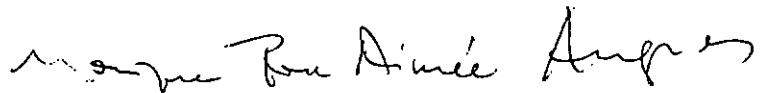
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio,
pelo aluno PEDRO PAULO DA SILVA MENDES, intitulada "CONSIDERAÇÕES
SOBRE A FUNÇÃO DO PAI NO PENSAMENTO DE FREUD". Fazendo parte da
Banca Examinadora os seguintes professores:



PROF.^a CIRCE NAVARRO VITAL BRAZIL
ORIENTADORA - PUC/RIO

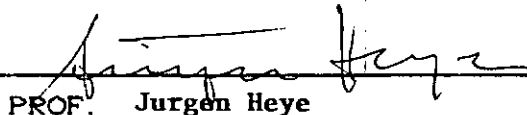


PROF.^a JUNIA DE VILHENA
PUC/RIO



PROF.^a MONIQUE ROSE-AIMÉE AUGRAS
PUC-RIO

Visto e permitida a impressão:
Rio de Janeiro, 15/03/1993



PROF. Jürgen Heye
COORDENADOR DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO
DO CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS